UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

NAIARA CRISTINA AZEVEDO VINAUD

A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO EM ESPAÇO LITERÁRIO, EM VILA DOS CONFINS, DE MÁRIO PALMÉRIO.

Uberlândia
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

NAIARA CRISTINA AZEVEDO VINAUD

A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO EM ESPAÇO LITERÁRIO, EM VILA DOS CONFINS, DE MÁRIO PALMÉRIO.

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Geografia, do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Ribeiro Soares.

Uberlândia
2008

Naiara Cristina Azevedo Vinaud

A transformação do espaço geográfico em espaço literário, em Vila dos Confins, de Mário Palmério.

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Geografia, do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Ribeiro Soares.

Uberlândia, 30 de janeiro de 2008.

Banca Examinadora:

_____

Profª. Dra. Beatriz Ribeiro Soares (IGUFU) - Orientadora

_____

Prof. Dr. Sylvio Luiz Andreozzi (IGUFU)

_____

Prof. Dr. Julio César de Lima Ramires (IGUFU)

Resultado: 100,0

Aos meus pais e amigos, na certeza de que entendem minhas limitações e desmotivos.



AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento deve ser aos meus pais, por permitirem que sempre pudesse me dedicar integralmente aos estudos, os únicos a quem admito minhas fraquezas e caprichos, sem ser desprezada.

Devo uma saudação especial à Clarice e Caroline, grandes amigas que tornam tudo mais fácil, verdadeiras luzes em minha vida.

À Beatriz Ribeiro Soares, tutora e orientadora, agradeço por todo apoio e conhecimento, e por sempre lembrar a importância da alegria e da amizade. À Maria Cristina Franco Monteiro, pela essencial ajuda em todos os momentos da realização deste estudo. Minha dívida é imensa!

Agradeço ainda àquele que deixa tudo mais feliz quando está por perto, Alécio Perini, "vagabundo maluco e anjo", te adoro demais! Obrigada pelo auxílio nas últimas horas e pela grande ajuda na revisão e formatação desta monografia.

Ao Grupo PET, pelos 3 anos de crescimento pessoal e profissional. Aos petianos, antigos e novos, próximos e distantes: Marcus Vinícius, Matteus, Hélio Carlos, Thiago Marra, Francis, Getúlio, Sílvio Barbosa, Ludimila, Mariana, Flávia, Miriã, Lorenna, Thalita, Camila, André, Cintia, Artur, Dayane, Thaís, Mireille, Gabriel e Diego. Sentirei saudades de todos!

Aos amigos queridos, que comigo compartilharam grandes momentos e que sempre estarão em minhas melhores lembranças da faculdade (e da vida!): Gessilaine, Priscilla, Clarice, Jisa, Miramaya, Consuelo, Luiz Fernando, Daniela, Káren, Lidiane, Michelly, Wesley, Fábio Cezar, Fabiano, Arlei, Graziela, Max, Shaulin, Diogo, Paulo Vítor, Augusto, Yseckson, Leandro, Renato, Aristóteles; e aos "mininos do sul", Fernando e Daniel, que mesmo distantes se tornaram presentes. À Escola de Pakua, pelo equilíbrio e motivação.

Por último, agradeço aos funcionários do Instituto de Geografia, pelo socorro nas horas de correria, principalmente, em fins de semestre e, ainda, aos professores, que nestes 4 anos, me incentivaram na busca pelo conhecimento geográfico e deixaram lições que estão além de livros, mapas ou salas de aula.

Sei que nem sempre tive meu humor ou o mundo do meu lado, mas estas pessoas sempre estiveram por perto, fazendo com que tudo isso, de que me despeço agora, já não assustasse mais. Obrigada!

"Sempre em frente, não temos tempo a perder..." (RUSSO, 1986).



[...] a linguagem se transforma em paisagem e esta, por sua vez, é uma invenção, a metáfora de uma nação ou de um indivíduo. Topografia verbal na qual se tudo se comunica, tudo é tradução: as frases são uma cadeia de montanhas e as montanhas são os signos, os ideogramas de uma civilização.
(PAZ, 1990:17, tradução de Maria Cristina Franco Monteiro).

RESUMO

A Geografia Cultural é um subcampo da Geografia que muito tem acrescentado a esta ciência, ao integrá-la nas mais modernas tendências mundiais de abordagem do espaço e da cultura. Esta abertura da Geografia para as atividades típicas do homem, influenciadas pela cultura e criadoras de cultura, passou por uma revisão dos conceitos de ciência, cultura, tempo e espaço. A concepção do espaço geográfico já não considera o homem como produto da cultura. Pelo contrário, as formas e movimentos espaciais não são auto-explicativos, mas adquirem sentido a partir das interpretações humanas. Integrando o homem ao espaço, a que interpreta e dá sentido, a Geografia ampliou seus limites de interesse até onde se encontram e comunicam com os das humanidades. Yi-Fu Tuan foi um dos primeiros geógrafos a retomar o diálogo da Geografia com a Literatura, ao considerar que são as formas de percepção do espaço que permitem concebê-lo quer como lugar, particularizado por algum tipo de afetividade, quer como território, percebido como área de domínio e poder. A Literatura, que não se entende como ciência, tem um amplo campo especulativo sobre sentimentos tais como amor, ódio, solidariedade, interesse e a qualidade de relacionamentos que eles criam. O objetivo principal é analisar as relações entre espaço geográfico e espaço literário nos romances regionalistas *Vila dos Confins,* em um estudo mais detalhado, e *Chapadão do Bugre,* em breves considerações, ambos do mineiro Mário Palmério. Considerando o tema político de *Vila dos Confins,* analisa-se o recorte do espaço em território onde as disputas pelo poder aprofundam as diferenças entre dominadores e explorados, impedindo a formação da idéia de nação, como espaço compartilhado por iguais. A violência usada tanto pelos bandidos quanto pela lei, em *Chapadão do Bugre,* ainda é selecionada como definidora da imagem do Brasil, não só na literatura, mas também no cinema, o que mostra a relevância do presente estudo.

Palavras chaves: espaço geográfico, espaço literário, território, poder.



LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01. Mário Palmério, na cerimônia de posse na Academia Brasileira de Letras, 1968. 38

Figura 02. Mário Palmério, em lançamento na LJOE, do livro Chapadão do Bugre (1965). 40

Figura 03. Capa da 22ª Edição de Vila dos Confins, lançada pela Livraria José Olympio Editora (1984). 43

Figura 04. Ilustração do livro "Vila dos Confins", delimitando alguns horizontes para que o leitor compreenda o espaço vivido. 44

Figura 05. Ilustração do livro "Vila dos Confins", onde elementos como rio e montanha apresentam-se como as principais referências espaciais. 45

Figura 06. Flora do Cerrado (Caliandra, Ipê rosa e Sucupira). 46

Figura 07. Buriti, um dos símbolos do sertão, constantemente citado em textos de cunho regionalista. 47

Figura 08. Ilustração do livro "Vila dos Confins", evidenciando uma propriedade rural típica do sertão mineiro até meados do século XX. 48

Figura 09. Atlas do regionalismo literário no Brasil. 50

Figura 10. Fauna do Cerrado (Harpia, Jacaré e Onça-pintada) 51

Figura 11. Ilustração do livro "Vila dos Confins", mostrando a importância do rio e da pesca na construção da identidade local. 52

Figura 12. Rio São Francisco, Pirapora – MG. Acredita-se haver alguma relação entre o Rio Urucanã, do sertão dos Confins, e o Rio São Francisco. 52

Figura 13. Ilustração do Livro "Vila dos Confins", que auxilia o leitor na construção e compreensão do espaço em questão. 52

Figura 14. Ilustração do Livro "Vila dos Confins". A ligação dos vastos espaços do sertão é feita pelo personagem Xixi Piriá. 54

Figura 15. "O sertão tá dentro da gente." 55

Figura 16. Ilustração do Livro "Vila dos Confins". A política é um elemento fundamental na configuração do sertão. 58

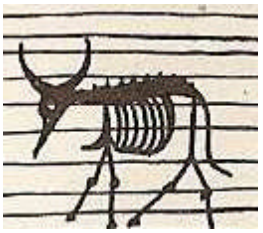
Figura 17. Ilustração do livro "Vila dos Confins". A personagem "Pé-de-Meia" aparece como a responsável pela "compra" de votos no sertão dos confins. 61

Figura 18. Ilustração do Livro "Vila dos Confins". Dia de eleição nos confins. 63

Figura 19. Ilustração do Livro "Vila dos Confins". Festa para os eleitores da Vila dos Confins. 66

Figura 20. Ilustração do livro "Vila dos Confins". A sombras cobre o sertão. 72

Figura 21. Luz e trevas no sertão 73



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 09

CAPÍTULO I: A GEOGRAFIA CULTURAL E AS POSSIBILIDADES DE INTERAÇÃO ARTE -CIÊNCIA 14

1.1. A Geografia Cultural no Brasil: considerações iniciais 15

1.2. Repensando a Cultura 17

1.3. Quando a Geografia encontra a Literatura 18

CAPÍTULO II: REPENSANDO O TEMPO E O ESPAÇO 22

2.1. O tempo literário e o espaço geográfico 23

2.2. As categorias do espaço geográfico 26

2.3. Metamorfoses: construindo a nacionalidade brasileira 31

2.4. O regionalismo e a construção de identidades 33

2.5. Notas sobre Mário Palmério 38

CAPÍTULO III: A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO EM ESPAÇO LITERÁRIO 42

3.1. Vila dos Confins*: os espaços do sertão* 43

3.2. Intersecção: Ligando os espaços 53

3.3. Os donos do sertão: lugares e territórios 56

3.4. A política transformando o sertão 62

CONSIDERAÇÕES FINAIS 74

REFERÊNCIAS 79

INTRODUÇÃO

O presente estudo pretendeu investigar as relações entre Geografia e Literatura. A primeira busca abordar o espaço, seu objeto principal, com os instrumentos da ciência: a objetividade, a clareza, a concisão. A segunda tem um objeto menos definido: ora as próprias palavras, ora a representação da realidade, ora a construção de supra-realidades, situado no campo das humanidades, ou seja, em que o homem é o núcleo de interesse em suas ações produzidas no tempo. A Geografia já foi considerada a ciência do meio físico, ou da natureza, determinada por elementos como clima, relevo, hidrografia e recursos naturais, que influenciavam a ocupação do solo e as atividades nele exercidas. O espaço onde a prosa literária ou a poesia situam as ações, por muito tempo, foi considerado pouco importante na formação dos sentidos da obra. Na visão tradicionalista dos dois campos do conhecimento, parece haver diferenças difíceis de conciliar.

Se as diferenças estavam no enfoque dado, por um lado, à Geografia e, por outro, à Literatura, ele se transformou e vem se transformando, assim como as sociedades e os homens se transformam e mudam suas visões. A Geografia, graças ao interesse crescente pela dimensão cultural do espaço, desenvolvido e sistematizado pela Geografia Cultural, repensou vários de seus conceitos: redefiniu o espaço geográfico, redimensionou espaço, tempo e cultura, ampliando os limites de seu campo até onde se encontra e comunica com os de outros campos, sobretudo, o das humanidades, que se concentram sobre o que é específico do homem. A Literatura não ficou indiferente às novas perguntas e respostas formuladas pela Geografia Cultural e também se abriu à revisão do espaço literário, revalorizando-o como formador dos sentidos da obra.

O objetivo geral deste estudo é analisar as relações entre espaço geográfico e espaço literário no romance regionalista *Vila dos Confins,* de Mário Palmério. Por objetivos específicos, temos: investigar como as dimensões privilegiadas por cada recorte do espaço ajudam, por um lado, a compreender a construção do romance e, por outro lado, como o reconhecimento destas dimensões na Literatura influencia o estudo geográfico do homem em suas relações com paisagens, lugares, territórios, ambiente e região; identificar o recorte do espaço geográfico mais adequado à análise do tema político tratado no romance *Vila dos Confins*; verificar como o estudo do espaço pode se relacionar à construção da identidade nacional;

realizar uma breve análise do romance *Chapadão do Bugre*, também de Mário Palmério, verificando se ele desenvolve o tema problematizado em *Vila dos Confins*.

Inserida na tendência regionalista, que sempre esteve presente na literatura brasileira, a obra é um espaço que se questiona enquanto escritura e permite múltiplos questionamentos da realidade que cria em torno deste espaço símbolo da nação - o sertão. Devido à atualidade da aproximação interdisciplinar que mobiliza, em primeiro plano, Geografia e Literatura, e também a História, pode-se desenvolver a análise da obra literária *Vila dos Confins,* que se propõe a fazer uma leitura do processo eleitoral em uma pequena vila perdida nos confins do sertão mineiro.

A busca da identidade é muito forte nos países que tiveram sua origem ligada ao domínio, exploração e colonização por outro país. Nestes países, a busca pela própria imagem reflete sempre a imagem do outro: a começar pela língua, veículo de expressão das vivências e emoções mais íntimas, e seguindo pelas tradições, religião, arquitetura e, então, permeando a cultura como um todo. Os escritores entendiam que os aglomerados litorâneos das cidades eram cópias das metrópoles colonizadoras, com sua face voltada para fora, para o mar e para todas as influências exteriores que navegavam por ele. O típico do país, o que poderia fazer dele uma nação integrada em torno dos mesmos ideais, estava no interior e o interior era o sertão.

Há muitas visões do sertão: românticas, com a idealização do meio e ou do sertanejo; realistas, que buscam reproduzi-lo fielmente; a naturalista, que seleciona e estuda casos para comprovar uma teoria, geralmente determinista; a visão moderna, que faz a crítica das visões anteriores e busca problematizar o sertão e, com ele, a construção da identidade nacional. *Vila dos Confins* segue a trajetória da disputa pelo poder político num sertão múltiplo, definido por inúmeros contrastes.

Pretendeu-se saber como o conceito de espaço geográfico mobilizado pela Geografia Cultural pode instrumentalizar a abordagem dos espaços construídos na obra literária em questão. Questionou-se, também, se as categorias espaciais de paisagem, lugar, território, ambiente e região podem enriquecer a compreensão das formas como se organizam, respectivamente, as dimensões econômico-cultural, da existência objetiva e subjetiva, política, de transfiguração da natureza, da integração de fenômenos específicos e globais em uma mesma área na construção dos sentidos de *Vila dos Confins*.

Considerando o tema político do romance, pergunta-se, especificamente, como o recorte do espaço enquanto território pode contribuir para o entendimento das formas como as relações de poder influenciam no relacionamento dos homens com o espaço e com os outros homens. E, ainda, se é possível construir a idéia de nação em um espaço dividido por profundas desigualdades, em que as disputas pelo poder parecem aumentar. Esta pergunta é estendida ao romance *Chapadão do Bugre*, construído sobre a luta pelo poder entre os coronéis, cujo mando lhes parecia um direito natural dado pela riqueza, pela propriedade de terras e pela violência imposta pelos jagunços, e o nascente poder criado pela lei e espalhado em instituições que se propunham a eliminar a qualquer custo os desmandos dos coronéis.

Suspeita-se que a violência, tão presente ainda hoje nas representações cinematográficas do Brasil – por exemplo, em filmes como *Carandiru*, *Cidade de Deus*, *Zuzu Angel* e, mais recentemente, em *Tropa de Elite* – é um dos componentes principais na formação do espaço nos romances de Mário Palmério. A violência, como forma de habitar o espaço, é melhor dimensionada em relação ao seu oposto, isto é, a relação amorosa com a terra definida por Yi-Fu Tuan em seu livro *Topofilia*, um dos marcos iniciais do diálogo da Geografia com a Literatura.

Muitos dos conceitos de Tuan são aplicados no desenvolvimento desta pesquisa. O mais importante deles diz que não há paisagem, lugar ou território: é a emoção com que o homem se relaciona com uma escala do espaço que faz dele um lugar humano, individualizado por sentidos positivos de pertencimento, proteção, segurança; ou um território como uma área com fronteiras, marcada pelo sentimento de posse e de preservação e defesa do ponto de vista das comunidades das fazendas, ou do ponto de vista de caçadores e coletores, como uma rede de caminhos e lugares sem fronteiras que se cruzam com a de outros caçadores. (TUAN, 1976).

Há também a imagem de Tuan do espaço como um caminho, ao longo do qual o homem vai efetuando pausas, ou paradas, que se tornam lugares, cada um com uma significância ligada a uma qualidade de emoção e de pensamento. A partir destas imagens pode-se derivar o espaço como ilimitado (aberto) e o lugar como restrito (tendendo a alguma forma de fechamento, de delimitação). (TUAN, 1976).

Roland Barthes, em *Aula* (1989), considera que o poder é tipicamente político, mas também ideológico, e que, apesar de único, ele se manifesta de várias formas e nos lugares mais inesperados, como as instituições e os ensinos, onde se infiltra nos discursos com a arrogância da certeza que busca curvar o outro ao seu domínio.

O poder parasita a linguagem que conta a história total do homem, e mais precisamente a língua, que é sua expressão: a linguagem é a lei, a língua é o código que a aplica a casos reais. Para libertar-se da opressão da língua é preciso trapacear, ouvindo-a na literatura, que é a língua destituída de poder. As três forças libertadoras que moram na literatura dependem do trabalho de deslocamento que o escritor realiza sobre a língua. (Cf. BARTHES, 1989).

Primeira força: a literatura assume os saberes de muitas ciências em seus textos e os faz girar sem fixar nenhum deles. Seu saber vem do questionamento da linguagem. A oposição entre ciência e literatura está no discurso que, em algumas ciências, é a representação impessoal da fala e do pensamento (enunciado), enquanto na literatura é a apresentação do lugar e da energia de um sujeito visando o sabor da própria linguagem (enunciação).

Segunda força: a literatura é a representação do real, mas o real não é representável por palavras. A linguagem (unidimensional) é inadequada para reproduzir o real (multidimensional). Então, a literatura é realista porque almeja o real, e irrealista porque almeja o impossível. A função representativa é utópica ao buscar, por meio dos diferentes registros de uma mesma língua, a admissão de vários desejos. Ela perverte o discurso dominante da lei.

Terceira força: a literatura é semiótica e joga com os signos, criando, dentro da linguagem servil, uma pluralidade de coisas. Trabalhando às margens da língua, com o impuro e os refugos da lingüística, a semiologia estuda o Texto como um lugar de "despoder", que empurra e adia, para longe dos núcleos da cultura politizada, o constrangimento de formar conceitos, espécies, fins e leis, criando uma proteção de indiferença contra o discurso coletivo.

Percebe-se, assim, que o poder busca se manter e ampliar seus territórios não só pelo uso da violência, da influência política, do dinheiro, mas também se infiltrando nos discursos que pretende dominar pela força da verdade universal, inquestionável e estereotipada que defende. Este tipo de discurso é o da lei, de algumas ciências, da ideologia e de alguma literatura que pretende ser representante fiel da realidade, mas que cristaliza as formas de dominação gravadas na realidade.

Desta forma, pretendeu-se atingir os objetivos propostos em três capítulos. No primeiro, o histórico da Geografia Cultural no Brasil, à luz dos estudos de Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl é refeito, repensando conceitos ligados à cultura, o relacionamento da Geografia com a Literatura, o tempo e o espaço, e as categorias do espaço. No segundo capítulo, buscou-

se repensar o tempo e o espaço, na Literatura e na Geografia. No terceiro capítulo, investigou-se a transformação do espaço geográfico em espaço literário, tecendo algumas considerações sobre o regionalismo e a busca da identidade nacional, apresentando o escritor Mário Palmério e o livro *Vila dos Confins,* e analisando as categorias espaciais de paisagem, lugar, território, ambiente e região, com ênfase na abordagem do território, uma vez que seu tema é a política.



CAPÍTULO I

A GEOGRAFIA CULTURAL E AS POSSIBILIDADES DE INTERAÇÃO ARTE-CIÊNCIA



CAPÍTULO I

A GEOGRAFIA CULTURAL E AS POSSIBILIDADES DE INTERAÇÃO ARTE – CIÊNCIA

1.1. A Geografia Cultural no Brasil: considerações iniciais

A Geografia brasileira nasceu, ou seja, adquiriu o "status" de ciência de cátedra, na Universidade de São Paulo em 1934. Mas deve-se à Universidade do Rio de Janeiro, atual UFRJ, os esforços mais decisivos para integrar esta área do conhecimento às mais modernas tendências mundiais de abordagem do espaço e da cultura.

Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl (2003) resumem os caminhos seguidos pela Geografia Cultural, iniciada e praticada na Europa há mais de um século. No Brasil, até o final da década de 1970, predominava a tradição empirista de leitura objetiva da realidade, seguida da perspectiva crítica fundamentada em um materialismo histórico que desconsiderava a cultura ou a considerava de acordo com o senso comum, isto é, como explicação para as formas de convivência do homem com o meio.

Na década de 1980, aspectos da cultura eram tratados nos estudos regionais, mas a cultura, em suas várias manifestações, ainda não constituía o tema central das pesquisas. Deve-se à multiplicidade cultural do Brasil, ao seu dinamismo, ao número de geógrafos que se dedicam a estudar o tema, assim como ao intercâmbio estabelecido com geógrafos europeus, o nascimento do interesse pela dimensão cultural do espaço.

O Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura, NEPEC, foi criado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro por Zeny Rosendahl em 1993, direcionando suas pesquisas para três dimensões: relações entre espaço e religião, espaço e simbolismo e cultura popular, com ênfase na primeira direção. Em 1995, este Núcleo lançou o periódico *Espaço e Cultura,* e no ano seguinte, a coleção de livros didáticos "Geografia Cultural".

O trabalho de divulgação da Geografia Cultural continuou a ser feito com a realização de simpósios de âmbito nacional, e com o lançamento, em 2003, da publicação *NEPEC Textos*, destinada à divulgação das pesquisas do Núcleo, cujo foco continuava a ser as relações entre espaço e religião. Universidades públicas com programa de pós-graduação, dentre elas as de Goiânia, Fortaleza, Uberlândia, da cidade do Rio de Janeiro, contam com geógrafos

pesquisadores da Geografia Cultural. Também em 2003, Paul Claval presidiu no Brasil uma Conferência Regional sobre a Dimensão Histórica da Cultura, organizada pela *International Geographical Union.*

Outro cuidado que os organizadores do periódico *Espaço e Cultura* tiveram foi o de fornecer uma base teórica sólida para a Geografia Cultural brasileira, evitando que ela se tornasse apenas moda. A tradução de textos estrangeiros clássicos, americanos e franceses e de debates na esfera da Geografia Cultural faz parte desta estratégia que, unida à criatividade brasileira, fez aumentar a produção de textos nacionais a partir de 1990. Estes textos tratam, dentre outros, de temas como a paisagem cultural, percepção e significados, religião como construção cultural, cinema e espaço de festas populares, território imaginário e identidade; espaço geográfico e literatura, que será o objeto desta pesquisa alicerçada nos princípios da transdisciplinaridade, como explicita Cássio Eduardo Viana Hissa, acerca da formação dos sujeitos do conhecimento.

> Diálogos entre ciência e saberes locais: comunicação que se desenvolve no âmbito externo à própria ciência e à universidade. Os diálogos pressupõem a troca de linguagens, discursos, teorias, métodos, fazeres, experiências, desde que sejam motivados por processos de tradução entre os universos que se põem em contato. Entre a ciência, representada pela sua pluralidade de disciplinas, e os saberes locais (pluralidade externa), em suas diversas manifestações, os diálogos favoreceriam um saber científico fundamentado na experiência, na própria existência da vida nos lugares, mas, também, um saber comum que se desenvolveria, se transformaria, com base no saber científico. A transdisciplinaridade, tal como compreendida nos circuitos acadêmicos, na universidade moderna, já estaria distante das solicitações de transformação: do mundo, do homem, da ciência. (HISSA, 2007).

A Geografia Cultural não desfruta no Brasil da mesma importância que lhe é atribuída nos Estados Unidos e na Europa, mas ela abre um imenso campo de pesquisas. O direcionamento da geografia para a cultura é um instrumento eficaz para a compreensão das rápidas e constantes mudanças que alteram o espaço humano na atualidade. Os marcantes contrastes que formam o Brasil são um campo fértil para pesquisas que podem inclusive aumentar a base teórica da Geografia Cultural.



1.2. Repensando a Cultura

A Geografia Cultural é um subcampo da Geografia. Na Europa do final do século XIX e início do século XX, o interesse pela cultura se concentrava na paisagem cultural, entendida como o resultado da ação do homem. Era considerada cultura toda ação humana que alterava a natureza. As relações de um grupo com a natureza, influenciando o gênero de vida, eram entendidas como expressão e condição social e estavam no centro das atenções dos geógrafos que pesquisavam a diversidade espacial.

Os Estados Unidos deram identidade à Geografia Cultural com a obra de Carl Sauer e seus alunos, a partir de Berkeley (Califórnia, EUA), 1925-1975, e depois espalhando-se por várias universidades. O núcleo desta Geografia era a História, com grande valorização do passado, direcionamento das pesquisas para as sociedades tradicionais, abordadas com o auxílio da antropologia. A Escola de Berkeley elegeu cinco temas principais: cultura, paisagem cultural, áreas culturais, história da cultura e ecologia cultural. Dentre os temas estudados constavam: limites, contatos e mudanças culturais, difusão espacial, migrações, língua, religião, dieta alimentar, domesticação de plantas e animais, impactos ambientais devido à ação humana. (CORREA e ROSENDAHL, 2003).

A Escola de Berkeley foi alvo de críticas internas e externas. A mais importante questionava o conceito de cultura adotado por Sauer que a entendia como "uma entidade supra-orgânica, com suas próprias leis, pairando sobre os indivíduos, considerados como mensageiros da cultura, sem autonomia." (CORREA e ROSENDAHL, 2003). A cultura era sinônimo de hábitos internalizados pelo condicionamento, sem possibilidade de conflitos. As mudanças dependiam de forças externas, não das contradições. Apesar das críticas, a Geografia de Sauer deixou muitas e importantes obras.

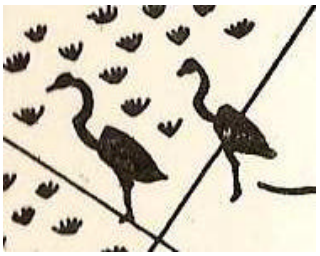
A renovação e a revalorização da cultura passaram por uma série de debates entre geógrafos americanos como Mikesell, Duncan e Cosgrove e franceses como Paul Claval, Augustin Berque, Joel Bonnemaison, Pierre Dumolard, Roger Brunet e Olivier Dollfus. A Geografia Cultural iniciou um relacionamento com as humanidades em geral e foi influenciada pelas Filosofias do significado, em especial da fenomenologia, do materialismo cultural de Raymond Williams e da Geografia Social.

O processo de renovação redefiniu o conceito de cultura, considerando-a, por um lado, uma condição social que precisa ser explicada. Por outro lado, é entendida como o conjunto de saberes, técnicas, crenças e valores, inserido no cotidiano e produzido no centro das relações

sociais de uma sociedade de classes. Este entendimento dá um sentido político à cultura e associa política cultural e produção cultural. (CLAVAL *apud* CORREA e ROSENDAHL, 2003).

Como a cultura precisa ser explicada, a palavra chave de sua nova definição é significado. A importância da interpretação das formas espaciais e dos movimentos está presente em Cosgrove e Jackson. Para Cosgrove a imaginação não reproduz os dados sensoriais em cópias, mas em imagens transformadas por novos significados.

A renovação e revalorização da Geografia Cultural abrem muitos caminhos igualmente válidos por meio dos quais os geógrafos podem interpretar a ação do homem sobre o espaço.



1.3. Quando a Geografia encontra a Literatura

O diálogo da Geografia com a Literatura, como consta em *Geografia, Literatura e o estudo da cidade*, de Janaína Alencar Mota e Silva (s/d), tem um dos seus marcos iniciais no livro *Topofilia* de Yi-Fu Tuan, publicado em 1974. Ao trabalhar o conceito de *topofilia* como relação amorosa com a terra, Tuan realça a necessidade e a possibilidade de se usar a literatura nos estudos geográficos, porque ela fornece informações detalhadas sobre como as pessoas percebem seus mundos.

O autor continuou desenvolvendo suas pesquisas nos livros: *Literature, Experience and Environment Knowing*, 1976*; Literature and Geography: implications for geographical research*, 1978, publicado na coletânea *Humanistic Geography: Prospects and Problems*, primeiro esforço coletivo de sistematização da abordagem humanística em Geografia.

A relação entre Geografia e Literatura, segundo Tuan, pode seguir três caminhos principais: os escritos geográficos podem ter maior qualidade literária; a literatura pode ser uma fonte de material para geógrafos; e a literatura pode fornecer uma perspectiva de como as pessoas experimentam seu mundo. Quando a Literatura trata de temas como espaço, lugar, natureza e

ambiente ela pode ser geográfica, e quando ela apresenta o mundo como ele é percebido pelo homem, ela amplia a visão científica do geógrafo preocupado com a clareza e a especificidade.

Douglas Pocock editou na Inglaterra a coletânea *Humanistic Geograhpy and Literature*, em 1981, reunindo o trabalho de diversos autores britânicos sobre o tema. Pocock focaliza sua atenção sobre a descrição das paisagens e, acima de tudo, sobre a condição humana, preocupação constante da literatura e que dá a ela seu caráter universal. Buscando a essência da vida, a Literatura ilumina muitas disciplinas direcionadas para o homem.

No Brasil, Lívia de Oliveira, do Departamento de Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) desenvolveu a abordagem de Tuan enquanto Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (USP) seguiu a de Pocock. Na avaliação de Janaina de Alencar Mota e Silva (s/d), os dois geógrafos brasileiros fizeram leituras originais destes teóricos, adequando-as aos romances e ao espaço brasileiro.

Lívia de Oliveira, pioneira nos estudos de Geografia Humanística e de Percepção do Meio Ambiente no Brasil, vincula a Geografia às pesquisas de Tuan e à teoria psicológica de Jean Piaget. Ela estudou a percepção, a cognição e a afetividade geográfica no sertão de Guimarães Rosa. Orientou trabalhos cujo objetivo era identificar o espaço e o lugar, segundo Tuan, em *Grande Sertão: Veredas (2001)*, com as noções de movimento e pausa. Ela trabalhou, assim, confinamento e liberdade no contexto da percepção geográfica.

Vernaide Wanderley e Eugênia Menezes (1997), sob orientação de Lívia de Oliveira, fizeram uma leitura geo-sócio-antropológica de três escritores que abordam o sertão: Ariano Suassuna, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa. Elas focalizam sua atenção nos conceitos de espaço e lugar de Tuan, na percepção ambiental - em uma abordagem interdisciplinar que põem em comunicação literatura, geografia, sociologia, história e antropologia – e paisagem geográfica.

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro em seu livro *O mapa e a trama (2002)* amplia o estudo do "lugar", nos ensaios sobre o conteúdo geográfico de criações romanescas. Ele entende que a trama, no seu dinamismo, representa a condição humana. Para que esta condição seja comunicada, a trama, envolvida nos espaços social, político, econômico, cultural, deve ser projetada em um palco, aparentemente estático: o mapa. O mapa é o contexto onde se desenvolve a ação, isto é, a trama criada pelo escritor.

> O sustentáculo dessa concepção aparentemente estranha (ou anticientífica), advinda daquilo que se atribui à "revelação literária", é a natureza holística identificável quando a literatura atinge foros de "universalidade", ou seja, quando ela transcende a um caso particular de uma dada região – fisicamente vária – para falar da "condição humana" – basicamente una. (MONTEIRO, 2002:15).

O autor relata, ainda, em "O Espaço Iluminado no tempo volteador", as dificuldades encontradas pelos geógrafos que se aventuram na difícil tarefa de desenrolar toda a trama de um romance, de habitar o espaço artístico de um escritor e dar a ele, limites estreitos de um espaço geográfico.

> Não se quer dizer, de nenhum modo, que a criação literária substitua a Geografia, mas é preciso que se considere uma possibilidade de complementação enriquecedora. E daí a necessidade de promover a relação Geografia-Literatura como veículo de educação no ensino médio. E reconhecer também que, por mais tabelas de dados e comprovações científicas que uma análise geográfica possa fornecer, haverá uma possibilidade de que um artista criador - na alta literatura - com outros recursos tenha o poder de criar uma realidade infinita. (MONTEIRO, 1998:31).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística também lançou, no final de 2006, o 1º Volume (Brasil Meridional) do *Atlas das Representações Literárias de Regiões Brasileiras*, confirmando o empenho, no Brasil, em aproximar a Geografia da Literatura. As regiões, inicialmente abordadas pela quantidade e qualidade de livros dedicados a pensar e registrar o espaço geográfico, foram: Campanha Gaúcha; Colônias gaúchas; Vale do Itajaí e Norte do Paraná. O IBGE promete, para os próximos anos, mais 04 volumes do Atlas (Sertões Brasileiros I e II; Costa Brasileira e Amazônia), fornecendo, ao final do projeto, um mapa cultural da nação brasileira. Maria Lúcia R. Vilarinhos, coordenadora do Atlas, avalia a importância de relacionar obras literárias com o espaço geográfico:

> Há um movimento, que me parece internacional, sobre a importância dos fenômenos do espaço e a literatura capta elementos da realidade, inclusive aqueles referentes ao espaço, numa linguagem que permite a visibilidade de uma complexidade de relações que dificilmente seria revelada ao leitor, ou absorvida por ele, dentro de um discurso técnico profissional. (VILARINHOS *apud* SPALDING, 2007).

O objetivo do Atlas, segundo Marcelo Spalding (2007) é que, por meio de trechos dos romances, textos teóricos, imagens e muitos mapas, seja possível aproximar o mapa – "Representação gráfica de um mundo organizável"; do romance – "Representação artística de conflitos individuais".

Há também, esforços de estudiosos da Literatura em dialogar com a Geografia. Entre eles *O espaço geográfico no romance brasileiro (1993)*, composto das cinco conferências proferidas

em evento promovido pela Fundação Casa de Jorge Amado. Antônio Dimas, em seu livro *Espaço e romance (1987)*, considera o espaço como integrante de qualquer romance, um elemento da trama. Franco Moretti, no *Atlas do romance europeu: 1800-1900*, de 2003, leva as narrativas sobre lugares e grandes espaços nos romances para uma cartografia objetiva. E explica que:

> Um atlas do romance. Por trás dessas palavras, há uma idéia muito simples: a de que a geografia não é um recipiente inerte, não é uma caixa onde a história cultural "ocorre", mas uma força ativa, que impregna o campo literário e o conforma em profundidade. Tornar explícita a ligação entre geografia e literatura, portanto – mapeá-la: porque um mapa é exatamente isso, uma ligação que se torna visível -, nos permitirá ver algumas relações significativas que até agora nos escaparam. (MORETTI, 2003:13).

A Associação Brasileira de Literatura Comparada, ABRALIC, promoveu um Colóquio, em 2004, na cidade de Porto Alegre (RS), para a discussão e reflexão, das novas configurações geopolíticas e sociais relacionadas aos deslocamentos facilitados pela globalização, para o reposicionamento de nações pós-coloniais, a partir da crítica dos conceitos de tempo e lugar, e publicou os trabalhos apresentados no livro *Geografias Literárias e Culturais: Espaços/Temporalidades.*

Predomina no Brasil a abordagem geográfica em romances regionalistas, focalizando a realidade rural. Mas há estudos que ampliam esta abordagem para a poesia e para a realidade urbana, como o artigo de Júlio César Suzuki, doutor em geografia e graduado em literatura, "Geografia e Literatura: uma leitura da cidade na obra poética de Paulo Leminski", publicado na Revista da ANPEGE (2003).

Rogério Haesbaert, em seu livro *Territórios Alternativos*, de 2002, apresenta o ensaio "Território, Poesia e Identidade", onde analisa como a formação de identidades locais, em especial no Rio Grande do Sul, é fortalecida pelos territórios naturais, mas também por territórios simbólicos divulgados nos Centros de Tradições Gaúchas que preservam o folclore, músicas populares e versos. O autor parafraseia Octavio Paz para dizer que a poesia é a metade perdida do homem, e que o geógrafo só tem a ganhar quando une razão e sensibilidade, usando belos textos para despertar o interesse pela paisagem, pelo novo desenho geopolítico do mundo, pelo ressurgimento e confronto de identidades.



CAPÍTULO II

REPENSANDO O TEMPO E O ESPAÇO



2.1. O tempo literário e o espaço geográfico

O tempo sempre esteve no centro dos estudos sobre os acontecimentos humanos, por isso a História sempre foi chamada para explicar as causas e conseqüências dos fatos em sua cronologia. Também a Literatura é considerada uma arte temporal, como deixa claro Gerard Genette, no *Discurso da narrativa:*

> Por uma dissimetria cujas razões profundas nos escapam, mas que está inscrita nas próprias estruturas da língua (ou pelo menos das grandes "línguas da civilização" da cultura ocidental), posso muitíssimo bem contar uma história sem precisar o lugar onde sucede, e se esse lugar está mais ou menos afastado do lugar onde a conto, ao passo que me é quase impossível não a situar no tempo em relação ao meu ato narrativo, pois devo, necessariamente, contá-la num tempo do presente, do passado ou do futuro. Daí, talvez, que as determinações temporais da instância narrativa, seja manifestamente mais importantes que as suas determinações espaciais. (GENETTE, s/d.)

A Geografia, por sua vez, é a ciência do espaço, que já foi identificado com a natureza, entendida como algo exterior ao homem, independente dele, e muitas vezes determinante do seu comportamento. A natureza tinha leis que o homem precisava entender para sobreviver e para ter êxito nas suas atividades agrícolas, pecuárias e extrativistas. Com o contínuo aprimoramento das técnicas para vencer esta dependência do meio, o homem inverteu a situação: tornou-se o senhor da natureza, impondo sobre ela transformações radicais e muito rápidas. Mas se a natureza se transformou o homem também mudou, mas não resolveu os problemas da fome, da falta de habitação, das secas e inundações, da poluição e da violência, entre outros.

O período pós-guerra foi de muitas expectativas e também de muitas frustrações. De expectativas de reconstrução e desenvolvimento, mas de desencanto com a escala de destruição de que o ser humano é capaz. Paralelamente à afirmação do capitalismo, à conquista de lucros inimagináveis por pequenos grupos, cresceu a insatisfação com o progresso e suas promessas não realizadas, o que desencadeou a crítica como uma forma de resistência a todas as formas de dominação. Vários movimentos surgiram questionando os sentidos estabelecidos: o feminismo, a contracultura, seitas apocalípticas, a criação de tribos ideológicas e comportamentais. A necessidade da crítica atingiu tanto as ciências, quanto as artes que passaram a refletir sobre os conceitos que orientam suas práticas. Ao mesmo tempo em que a sociedade atual se critica, o capitalismo segue aperfeiçoando suas formas de garantir

lucros às minorias, a globalização vende a ideologia de um planeta homogêneo, alguns setores das ciências tentam dominar o código genético.

O tempo atual é, por estes motivos, extremamente complexo. Todas as grandes verdades podem ser questionadas porque nenhuma delas conduziu a um mundo melhor. Cada área do conhecimento reconhece suas limitações, e, ao mesmo tempo, que se questiona, abre-se para aprender com os erros e acertos das outras áreas. Há certa confusão sobre o objeto de cada área, assim como também existe a compreensão de que o homem está no centro de todos os problemas e soluções; ele é o criador de sentidos, e as coisas e o mundo só têm sentido quando o homem encontra as relações entre eles. As palavras de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, só confirmam:

> Neste difícil mundo do final do Século XX, enquanto várias "geografias" se multiplicam, superpõem, conflitam ou se opõem na difícil tarefa de entendê-lo, está emergindo uma contracorrente que, ao lado das tendências neopositiva, estruturalista, materialista histórica, rotula-se "humanista". Entre os reclamos do rigor científico via quantificação e dos impulsos ideológicos em prol da "justiça social", o reaparecimento de um interesse na forma da "descrição" vem mostrar o quanto está sendo difícil e divergente a discussão-interpretação do mundo de hoje. (MONTEIRO, 2002:13).

Yu-Fu Tuan, um dos principais responsáveis por esta contracorrente humanista, entende que "A Geografia Humanística procura um entendimento do mundo humano, através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar." (TUAN, 1976).

O Humanismo, no entender deste autor amplia a visão sobre o que é o homem e o que ele pode fazer. No centro do humanismo está a História, a Literatura as Artes e a Filosofia, atividades típicas do homem assim como a Ciência. Mas esta última simplifica a capacidade humana de saber, criar e recomeçar, classificando seu comportamento segundo modelos gerais que podem, em muitos casos, também ser aplicados aos animais. Tuan elege a Filosofia como a atividade humana típica, porque sua característica básica é a reflexão e a avaliação crítica dos próprios atos.

Para analisar a contribuição que a Geografia Humanística pode dar à Geografia ele explora cinco temas: o conhecimento geográfico, território e lugar; aglomeração humana e privacidade; modos de vida e economia; e religião. Vamos nos deter nos dois primeiros, que interessam mais de perto esta pesquisa. (TUAN, 1976).

O conhecimento geográfico, de maneira ampla, é necessário à sobrevivência biológica de todos os animais na forma de mapas mentais. O conhecimento geográfico acadêmico é muito

racional e especializado. Entre estas duas formas de conhecimento, há uma ampla faixa de idéias a respeito de espaço, localização, lugar e recursos. Todos os grupos humanos possuem tais idéias, mas seu grau de articulação varia de grupo para grupo. Alguns têm mapas que não podem ser transformados em conhecimento. Outros têm mapas e o conhecimento para ensiná-los, mas não os traduzem em conceitos e hierarquias espaciais. Outros têm o conhecimento dos conceitos e hierarquias espaciais, mas não sabem se orientar pelos mapas. Os geógrafos deveriam perguntar: porque as culturas desenvolvem habilidades e conhecimentos espaciais diferentes, a relação entre habilidade espacial e conhecimento espacial e, afinal, o que é a consciência geográfica. (TUAN, 1976).

O sentido do território parece estar presente nos animais, quando eles se comportam em relação a certa área como se fosse sua propriedade. Homens e animais têm atitudes semelhantes quanto ao território e lugar. O humanista deve perguntar como a territorialidade humana e a ligação de lugar diferem da dos animais que são menos emotivos e simbólicos. Os geógrafos devem investigar o papel da emoção e do pensamento na ligação ao lugar.

Ao longo de um caminho cada pausa, ou parada, torna-se um lugar, um centro de significância que, no homem, está relacionada à qualidade da emoção e do pensamento. Só o homem localiza e marca, com monumentos e santuários, seu local de nascimento e de morte.

Os lugares humanos variam de escala: uma poltrona, a casa, o bairro, o estado-nação. Pequenos lugares podem ser conhecidos através dos sentidos, uma grande região como o estado-nação pode ser transformada em lugar, de lealdade apaixonada, pelo simbolismo da arte, da educação e da política. Cabe ao geógrafo dizer como o espaço se torna um lugar humano, pesquisando sobre a natureza da experiência, a qualidade da ligação emocional com os objetos físicos, as funções dos conceitos e símbolos na criação da identidade do lugar.

A Geografia Humanística contribui, assim, com a Geografia, ampliando seu campo de investigação por meio das perguntas colocadas ao geógrafo que deve respondê-las conjugando os instrumentos científicos, sua própria capacidade de reflexão e de crítica e a contribuição das humanidades em geral.

O campo de investigação desta forma de Geografia avança também pelo histórico e pelo regional. Para Tuan, a Geografia Histórica pode analisar o povoamento e o uso da terra de uma área no passado, ou de uma sucessão de passados. Os eventos são importantes para esta Geografia, como o são para a História, porque eles acontecem na superfície da terra e tem efeitos diretos ou indiretos sobre ela. A Geografia Humanista precisa do conhecimento da

História e da Geografia Histórica para entender como as pessoas atualizam os acontecimentos passados, dando sentido à territorialidade e ao lugar. O passado não é fixo nem determina a identidade presente do grupo. O grupo está sempre refazendo sua identidade pelo uso seletivo de seu passado. O passado como história refeita é um depósito para a formação da consciência e da ideologia nacional. Este passado não precisa ser real, ele precisa parecer com a realidade. (TUAN, 1976).

Por sua vez, a Geografia Regional busca retratar uma região como se pintasse o retrato de uma pessoa, capturando sua essência. Capturar a identidade de um lugar é uma tarefa bem mais complexa, que envolve suas características físicas, sua história e o jeito como as pessoas usam o passado para promover a consciência nacional. A arte conjuga detalhes para dar vida a uma visão singular, que, em sua particularidade pode expressar a condição humana no geral. Se a Geografia Humanística pudesse encher de vida as suas descrições ela se tornaria um trabalho artístico. Se isto não pode ser feito, cabe ao geógrafo recolher os materiais mais variados sobre a natureza e o homem – comportamento, idéias, sentimentos, valores – e transformá-los em temas simples que podem ser sistematicamente ordenados. Ele simplifica a experiência, explicita sua estrutura, podendo então explicar os elementos de forma científica. (TUAN, 1976).



2.2. As categorias do espaço geográfico

Tendo em vista a ampliação do campo de interesse da Geografia, os geógrafos diferenciaram o espaço em áreas, a partir das quais se busca uma síntese que permita perceber uma coerência interna à região envolvendo as múltiplas dimensões do espaço geográfico, a partir das humanas e naturais. Estas diferenciações serão a forma de abordagem do espaço analisadas em *Vila dos Confins,* de Mário Palmério.

Uma área é uma individualidade do espaço que não se explica pela natureza, mas pelo uso que o homem faz dela. Região, segundo Rogério Haesbaert, no artigo Região, Diversidade Territorial e Globalização (1999), é um conceito geográfico, definido a partir de uma síntese entre as múltiplas dimensões do espaço geográfico, que busca produzir uma singularidade coerente capaz de delimitar uma porção contínua e relativamente estável do espaço. Para dar coerência à região, o geógrafo busca elementos integradores – mais ou menos fixos e permanentes, às vezes contraditórios – que não se confundem com o acúmulo de elementos como relevo, clima, população e economia, listados sem relação uns com os outros.

Diferenciar áreas – diversidades territoriais – é uma forma de resistência à homogeneização difundida pela globalização e uma das tarefas fundamentais na construção da Geografia. Revalorizar o singular, põe em evidência a capacidade dos grupos humanos de recriar espaços múltiplos de sociabilidade.

Há duas conotações do regional: a análise dos elementos específicos, regionalmente localizados e a análise integradora, mais totalizante, observando a integração de múltiplos fenômenos numa área. Daí a necessidade de se trabalhar com elementos singulares e com elementos universais – o todo e as partes, ou o global e o local.

Pode-se comparar o global e o local em termos de desigualdade ou de diferença. A desigualdade é uma diferença de grau, por isso exige referência a uma escala de valores-padrões frente a qual os processos são comparados, medidos, hierarquizados. A desigualdade é quantitativa, e produz um retrato imóvel dos comparados. A diferença é qualitativa, produz singularidades não exclusivamente de base local e sem relação obrigatória com realidades geográficas em outras escalas.

A reafirmação das diferenças tem duas faces: uma é produto da globalização e outra é resistência a ela. As diferenças espaciais interessam à globalização na medida em que a diversidade vende. Valorizar hábitos locais cria novos mercados, principalmente para o turismo. Já a reativação de identidades culturais é uma forma de resistência à globalização, quando manifesta diferenças sem termos de comparação, ligadas à religião, etnia e língua, como alguns movimentos radicais muçulmanos.

Entretanto é simplista pensar o global como lócus da homogeneização e o lugar como lócus da heterogeneização. Processos globais implantam-se no local, adaptam-se a ele, ao mesmo tempo em que o local pode globalizar-se quando espalha pelo mundo características locais. O lugar está ficando cada vez mais difícil de definir, porque é penetrado e moldado por

influências sociais bem distantes dele. Além disso, paralelo aos circuitos que ligam global e local num sistema-mundo, há uma massa de excluídos que produzem suas próprias diferenças fora de qualquer ordem do sistema.

Os estudos regionais e os métodos de regionalização devem buscar reconstruir o conceito de região a partir de suas articulações com os processos de globalização e fragmentação. Região é um conceito, um veículo para interpretação do real. Mas a região, além de construção intelectual também é construída pela atividade humana na sua contínua produção de diversidades territoriais. O conceito, enquanto idéia mais elaborada e geral que se tem sobre o mundo, não esgota o entendimento da realidade nem a substitui, mas participa dela, na medida em que sua construção interfere não só na leitura, mas também na ação sobre o mundo.

Segundo Dirce Suertegaray (2001) o espaço geográfico é considerado uno e múltiplo abrangendo uma complexidade difícil de ser trabalhada operacionalmente. Os conceitos geográficos expressam recortes do espaço geográfico em categorias operacionais como território, paisagem, lugar e ambiente.

Milton Santos define o espaço geográfico como

> (...) um sistema de objetos e ações formado por um conjunto indissociável , solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quando único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados, e, depois cibernético fazendo como que a natureza artificial tenda a funcionar como máquina. (SANTOS, 1997:04)

Nesta concepção, há diferentes categorias – palavras ou conceitos aos quais se deu dimensão filosófica, ou seja, sua significação é produzida no contexto de sistemas de pensamentos determinados – como natureza, sociedade, tempo e espaço.

O conceito de natureza, até então aceito pelos geógrafos, baseado no antropocentrismo, aplica-se a algo externo ao homem: os elementos formadores da terra tais como ar, água, solos, relevo, fauna e flora. A natureza era o objeto e o homem o sujeito do seu conhecimento. Quando o objeto da Geografia passou a ser a relação homem-meio (natureza) a sociedade foi definida como outra categoria de análise. O espaço geográfico deixou de ser pensado segundo as formas físicas e passou a ser visto como o resultado das formas como os homens organizam sua vida e suas formas de produção. A Geografia concebe a relação natureza-sociedade sob o ponto de vista da apropriação, a natureza como recurso à produção.

Ainda segundo Suertegaray (2001), a idéia do tempo que cruza o espaço geográfico pode ser representada pela seta, o círculo e a espiral. De início, o tempo era concebido como seqüência, como sucessão de fatos no espaço. As análises seguiam uma perspectiva histórica seqüencial para explicar as relações do grupo com o meio. Sob outra ótica, o espaço foi estudado numa visão do tempo como ciclo, em que os fatos eram sucessivos com voltas ao ponto inicial, provocando um movimento repetitivo. A visão crítica da Geografia entende o tempo espiral: o espaço se forma e se organiza projetando-se como determinação ou possibilidade que se faz por avanços e retornos. Assim, o espaço é a coexistência das formas herdadas, reconstruídas sob uma nova organização, com formas novas em construção; então o espaço é a coexistência do passado e do presente.

O espaço é a categoria central para a Geografia. De início ele foi concebido como sendo absoluto, com dimensões específicas, demarcável; a cartografia de base e as coordenadas geográficas foram partes do suporte desta visão. Após as grandes guerras e as teorias científicas de Einstein, a Geografia relativizou o espaço. Ele era definível a partir dos objetivos da delimitação, ou seja, de variáveis pré-estabelecidas.

Em 1980, David Harvey, em seu livro *Justiça social e a cidade*, abordou o espaço num contexto dialético como sendo ao mesmo tempo absoluto – com existência material – e relativo - como relação entre objetos. Milton Santos, em 1982, definiu o espaço como herança, ou seja, como "acumulação desigual de tempos". Nesta definição, espaço e tempo são categorias indissociáveis: o espaço é a coexistência dos tempos. Os geógrafos trabalham com conceitos mais aplicáveis como os de paisagem, território, lugar e ambiente, além de outros.

A paisagem já foi somente uma representação visual. Troll (1950) a entendeu como conjunto passível de análise dupla: da forma (configuração) da funcionalidade (interação de geofatores incluindo a economia e a cultura humana). A análise podia ser de ordem natural, das paisagens naturais, ou de ordem humana, as paisagens culturais. Paisagem é um conceito que permite analisar o espaço sob a dimensão do encontro de elementos naturais e técnicos, sócio-econômicos e culturais. Pode-se imaginar a paisagem como forma – formação – e funcionalidade – organização -. O conceito de paisagem privilegia a coexistência de objetos e ações sociais na sua face econômica e cultural manifesta.

Sob o conceito de território, trata-se o espaço geográfico a partir de uma concepção que privilegia o político ou a dominação-apropriação. Território tem relação histórica com o poder. Já foi vinculado ao solo, enquanto espaço ocupado por certa sociedade. Do ponto de

vista clássico, o conceito liga-se ao domínio de certa área, centrando a análise na identidade nacional. Território é espaço delimitado, em parte determinado pela necessidade e posse de recursos naturais para a sobrevivência, por outra por usa ocupação física como habitat. A defesa territorial é exercida pelos membros da coletividade nos pequenos territórios, no estado-nação há uma configuração social específica responsável para a organização e manutenção do poder.

Lugar é a expressão do espaço geográfico na escala local; a dimensão pontual. O lugar leva a análise geográfica para a esfera do mundo vivido nas relações cotidianas. De um lado, o lugar se singulariza a partir de visões subjetivas vinculadas a percepções emotivas, no sentido topofílico, amor à terra, de que fala Tuan. Do outro, o lugar pode ser lido pelo conceito de geograficidade (RELPH *apud* SUERTEGARAY, 2001) todas as respostas e experiências que se tem do ambiente onde se vive, antes de atribuir-se conceitos a essas experiências. Compreende-se, então, o lugar a partir das necessidades humanas existenciais: localização, posição, mobilidade, interação com objetos e pessoas. No lugar, as noções de espaço e tempo se fundem.

O ambiente já foi tratado como "meio" no sentido ecológico de meio-ambiente. Nesta concepção, suas raízes científicas são vinculadas à biologia. Mas, ao longo da história, deixou de ser um veículo entre um objeto e outro e assumiu o sentido de unidade de diversas manifestações relacionadas entre si, ou seja, um sistema. Como sistema, o ambiente pode ser lido como algo externo ao homem, a partir do qual se estuda o funcionamento dos sistemas naturais. Seria um objeto sem tensão ou contradição, porque sem sujeito, ao contrário da paisagem que está marcada pela arte e pela tensão. Na Geografia, o ambiente inclui o homem como ser social produto e produtor de tensões ambientais.

Cada recorte do espaço está contido e contém os outros. Paisagens contêm territórios que contém lugares que contem ambientes valendo, para cada um, todas as conexões possíveis. Quando se divide o espaço em categorias, cada conceito privilegia uma dimensão de sua organização complexa. A paisagem valoriza o econômico-cultural; o território valoriza o político; o lugar, a existência objetiva e subjetiva e o ambiente a transfiguração da natureza.

No decorrer da pesquisa, os conceitos acima descritos serão desvendados na trama de *Vila dos Confins*, quando o espaço geográfico se transforma em espaço literário.



2.3. Metamorfoses: construindo a nacionalidade brasileira

Edward Lopes, em seu livro *Metamorfoses: a poesia de Cláudio Manoel da Costa* (1997) analisa que, na fundação da literatura brasileira, "a poesia épica valoriza os elementos figurativizadores do Brasil: o espaço, o tempo, os atores e seres da paisagem humana nacional (...)" (LOPES, 1997:53). Esta poesia toda feita nos modelos clássicos, usa estes elementos para valorizar a terra brasileira, desvalorizando os elementos da terra portuguesa, que dão o modelo da poesia, com o objetivo de desvalorizar a relação colonizador-colonizado.

Em relação a Cláudio Manoel da Costa, Edward Lopes o defende das acusações de anti-nacionalista, e o elege "o iniciador da fase brasileira da literatura brasileira." (LOPES, 1997:67). Coube ao poeta mineiro metamorfosear o espaço geográfico de Minas em espaço literário e assim garantir não só sua sobrevivência, mas sua consagração pela poesia como lugar à altura daqueles mundialmente celebrados pelos mais consagrados poetas clássicos.

Não foi pela descrição das coisas da terra que o poeta efetuou a transformação do espaço geográfico em espaço literário, nem pela ênfase no pitoresco, ou seja, no que agrada ao olhar estrangeiro, sem representar o espírito nacional. Foi, antes, por usar as imagens geográficas para dar vida aos estados de alma, a partir do quais se criam os mitos, que são "representações simbólicas do encontro do homem com o homem, do homem com a natureza, e da própria vida cotidiana da comunidade, funcionando como o inconsciente coletivo das nações." (LOPES, 1997:103). Estas representações, quando são interiorizadas pelos membros da mesma comunidade como mitos e ritos coletivos, os unem no mesmo espírito cultural e os colocam em comunhão. O papel da mitologia é, assim, fornecer as bases para a identidade cultural de um grupo.

Por compartilharem os mesmos códigos de conteúdo, os mesmos códigos ideológicos, mesmo que expressos em figuras diferentes, das mitologias greco-romana e judaico-cristã, os povos da cultura ocidental conseguem entender os discursos feitos por qualquer comunidade desta cultura e, mesmo, traduzir o discurso de uma língua para outra. Estes códigos permitem interpretar o que está manifesto nas mais diferentes formas em qualquer discurso artístico

ocidental, segundo o sentido dos arquétipos, construídos por Homero, pela Bíblia, pelos discursos ocultistas, pela ciência. (LOPES, 1997).

É bom lembrar que os arquétipos, segundo Junito de Souza Brandão (1997:37-38) são modelos primitivos, traduzidos por imagens que podem ser: pessoais, isto é, têm relação com experiências pessoais esquecidas ou reprimidas; ou impessoais que correspondem a elementos coletivos, e formam o inconsciente coletivo. O inconsciente coletivo não pode ser traduzido em palavras, então ele se manifesta na forma de símbolos, que são sinais de reconhecimento como uma marca de nascença, como um objeto dividido em duas partes que permite aos portadores reconhecerem um ao outro. O mito se expressa por símbolos que podem ser interpretado por mais sentidos do que mostra aparentemente.

Quando Cláudio Manuel da Costa trouxe para a terra mineira os elementos pertencentes à mitologia greco-romana ele criou uma mitologia nacional como prolongamento da mitologia clássica e deu a literatura brasileira um sentido universal. Quando ele incorporou nesta mitologia elementos locais, como o Ribeirão do Carmo em Mariana, produziu a identidade nacional das obras feitas em Minas como diferença em relação ao estrangeiro. Aqui, ele aponta o espaço geográfico de Minas Gerais e não de Arcádia, em Portugal:

> Leia a posteridade, ó pátrio rio,
> Em meus versos teu nome celebrado
>
> Porque vejas uma hora despertado
> O sono vil do esquecimento frio.
>
> Não vês nas tuas margens o sombrio,
>
> Fresco assento de um álamo copado;
> Não vês Ninfa cantar, pastar o gado,
> Na tarde clara de calmoso estio.
> (...)
> (COSTA, C. M. da, s/d, p.29).

O desejo de construir uma nacionalidade é muito forte e presente nos escritores brasileiros e encontra-se, ao longo do tempo, diante de um dilema, de um lado, a parte moderna, urbana do país, está muita exposta ao efeito homogeneizador da globalização, levando as grandes cidades a serem muito internacionalizadas, desenvolvendo-se como cópias européias ou americanas; de outro lado, o que marca a especificidade do país é pré-moderno, meio selvagem, atrasado, violento e não civilizado. Estas regiões interioranas eram ao mesmo tempo paradisíacas e infernais. A maioria da população interiorana era explorada pelas classes dominantes, vivendo na miséria. Esperava-se que a literatura fosse um instrumento de

conscientização popular, e que assumisse parte da responsabilidade na construção da identidade nacional. (ALMEIDA *et al*., 2001:08).

A esta tendência da literatura em buscar a identidade nacional no interior do país, em oposição ao litoral, no típico de cada região e de seus habitantes, na paisagem local, foi dado o nome de regionalismo. Ora idealizado os lugares e os tipos, ora colando-se à realidade com o objetivo de traduzi-la com a maior fidelidade possível, ora detendo-se sobre tipos e submetendo-os as leis inexoráveis do meio, da raça e da ciência, ora ainda, problematizando o interior, focalizando-o de diferentes pontos de vista, o regionalismo marca presença constante ao longo da literatura brasileira.



2.4. O regionalismo e a construção de identidades

Uma das dificuldades na construção da nacionalidade brasileira é a busca de nação como "entidade natural", conforme nos lembra Adalmir Leonídio (2001:22). O que ficou "naturalmente" do passado colonial do país foi um profundo sentimento de diferenças entre as classes sociais gerado pelo trabalho escravo. Havia os senhores de terra, os escravos e os agregados livres que viviam dos favores dos proprietários, e entre eles a clara noção de desigualdade: quem tinha terras, dinheiro e escravos eram superiores, os outros eram inferiores e dependentes deles. Também os agregados desprezavam os escravos que viviam para trabalhar e servir a seus senhores. A divisão social entre ricos e pobres impediu o desenvolvimento da idéia de igualdade, fundamental para a construção de uma sociedade em que todos os cidadãos têm direitos e deveres, e são solidários na defesa deste ideal.

Segundo Adalmir Leonídio não havia no Brasil uma ficção ou mitos fortes o bastante para resolver a dualidade, de um lado, da existência abstrata de uma nação, identificada como um pacto social entre iguais, do outro lado, do choque com a existência de uma unidade territorial que concentrava enormes desigualdades. Escritores românticos como José de Alencar tentaram construir o mito de uma natureza grandiosa e paradisíaca, fundo para a nobreza e o

heroísmo do índio, como traço da identidade nacional. Mas este mito não representava todas as regiões brasileiras, não podendo ser fator de unidade do país.

A idéia da nação como lugar natural e inculto apareceu no Romantismo, e mudou na Primeira República para a idéia de sertão. Nos dois casos, buscou-se construir a idéia de nação pelo conceito geográfico de território. O sertão, com seus pontos positivos e negativos, foi eleito como símbolo da nação. Conhecer o Brasil era viajar em direção ao interior como fizeram os modernistas em 1922.

No artigo, "Região, Sertão, Nação", de Janaína Amado, a categoria sertão é analisada sob a perspectiva do senso comum, do pensamento imaginário e social. Autores sugerem algumas definições: "desertão", no sentido de ausência de civilização européia. (NUNES *apud* AMADO, 1995); *serere, sertanum*, de origem do latim clássico, que significa trancado, entrelaçado e embrulhado, devido à dificuldade de penetração no seu interior. (TELES *apud* AMADO, 1995). A partir daí também surge a imagem depreciativa sempre associada aos cerrados no interior do Brasil, os sertões, como explicita RIBEIRO *apud* FRANÇA e SOARES (2006):

> Assim, o cerrado não é visto como um ecossistema próprio, com uma vegetação diferente, mas aparece como uma espécie de floresta de "segunda categoria", como se toda a paisagem tropical tivesse que ser composta de árvores enormes, densamente reunidas em matas verdejantes. (RIBEIRO *apud* FRANÇA e SOARES, 2006)

Também se encontra definições que remetem à idéia de desordem e corrupção, "onde o sertão abrigaria pessoas desonestas e sem índole como: '(...) fugitivos da justiça, devedores da Coroa, aventureiros e contrabandistas, quilombolas e 'índios bravios', onde predominava uma população formada em grande parte por mestiços e negros livres'". (RIBEIRO *apud* FRANÇA e SOARES, 2006).

E ainda *desertum* (desertor, aquele que sai da fileira e da ordem) e *desertanum* (lugar desconhecido para onde foi o desertor). (TELES *apud* AMADO, 1995).

Mas no interior, no sertão, não havia vínculo com a terra capaz de unir seus habitantes. Os proprietários viam a terra como um negócio que se não desse lucro deveria ser trocada por uma boa vida na cidade. Os trabalhadores rurais assalariados não viam futuro em seu trabalho duro e mal-pago, por isso não criaram laços afetivos com a terra. Em algumas pequenas propriedades rurais a terra é tratada carinhosamente como fonte de sobrevivência econômica, das tradições e como herança para as próximas gerações, mas em outras predomina o

descuido e o atraso. Não há política pública efetiva direcionada para promover o desenvolvimento da propriedade familiar, a fixação do homem no campo, e, como conseqüência, a formação de uma consciência de que tratar bem a terra é um bom negócio. Nelson Werneck Sodré, em seu livro História da Literatura Brasileira (1979), relata que o:

> (...) sertanismo substituiu o indianismo, do qual José de Alencar é o maior representante. O indianismo foi a forma literária que os escritores usaram, logo após a Independência, para afirmar as características da sociedade brasileira, nas várias regiões, idealizando também a autonomia da linguagem. (SODRÉ, 1979:323-324)

Bernardo Guimarães, o primeiro sertanista, empenhou-se em reconstruir com fidelidade o quadro de costumes de sua época. Ele lidou com o contraste do exagero romântico de detalhes insignificantes, que resultou em uma montagem desequilibrada de descrições mais realistas que o real. Franklin Távora listou aspectos exteriores da realidade, mas não conseguiu organizá-los num mundo ideal de sonhos. Visconde de Taunay baseou-se em sua memória visual para reconstituir os ambientes do interior, construiu com fidelidade personagens-tipo, situando-os no contexto em que viviam, sua fala, procedimentos e sentimentos. Suas reconstituições eram fiéis, mas seu conteúdo seguia os modelos da artificialidade romântica.

Os escritores naturalistas queriam reduzir a realidade à aparência, acreditando que a realidade fosse estática, imutável, totalmente reproduzível em um dado momento. O artista ocupa a posição de expectador impassível. A reconstituição de detalhes superficiais não leva para a arte a vida social, feitas de múltiplos elementos em variações constantes e em conexão. Mesmo assim, Inglês de Sousa, em *O Missionário* consegue transmitir vida a seus personagens, o meio não ocupa todo o cenário e as relações humanas são verossímeis.

No Romantismo, o Regionalismo é uma forma de fugir para o passado, idealizado pelo sentimento e artificializado pelo desejo onírico de compensação e representação. Há ênfase no pitoresco e na cor local, e há, ao mesmo tempo, o mascaramento das personagens por qualidades, sentimentos e valores não da individualidade, mas da cultura. O regionalismo considera o ambiente mais importante que o homem, que é tratado como síntese do meio, separado da humanidade, sem individualidade e iniciativa. Seu foco de interesse são os costumes que aparecem na conduta social e na linguagem. Iná Elias de Castro, acerca do regionalismo, defronta-se com os poderes organizados e sustentados em nível regional.

> A base territorial para a expressão do regionalismo é, necessariamente, a região. Essa se define a partir da relação do homem com seu meio e com seus símbolos. A elite se apropria desses símbolos, reelaborando-os ideologicamente na identidade regional, conferindo visibilidades valor simbólico aos traços singulares da

> sociedade local. [...] O território passa a ser tratado como sujeito do processo histórico, substituindo e reduzindo a visibilidade das relações sociais, que se diluem nos problemas territoriais. (CASTRO, 1994:165).

O Sertanismo transformou-se em regionalismo ao mesmo tempo em que surgiu o regionalismo como processo de interpretação histórica e social da vida brasileira. O regionalismo tinha limitações como a fascinação pelo meio geográfico e por um grande apego ao pitoresco. O homem vivia em função da natureza. Acreditava-se na idéia de que o meio físico moldava o homem e a coletividade. Cada região representava um domínio onde foram artificialmente reunidos seres diferentes que aí se adaptavam a uma vida comum. O problema central da pesquisa geográfica, impulsionada pela botânica, estava em distinguir a ação humana na paisagem. Mesmo assim, houve escritores que admitiram que a natureza condiciona, mas não determina o homem. A exuberância da natureza era motivo de orgulho e só podia dar o tom de afirmação da nacionalidade.

Outra limitação do regionalismo foi o esforço por individualizar a personagem pelo seu modo de falar. Isto diminuía o papel do homem e correspondia ao erro de supor que o homem é representado melhor por traços exteriores, dentre os quais o modo de falar. A cor local se efetivava na representação da linguagem própria de certa zona geográfica. Estas limitações mostram que a literatura brasileira não estava ainda em condições de separar o essencial do secundário. Para o regionalismo, a individualização está no modo como o homem reage aos acontecimentos, sem dimensão épica, objetivo dos que pretendiam mostrar a grandeza em qualquer sentido. O foco na paisagem física fazia com que a literatura fosse predominantemente descritiva. (SODRÉ, 1979:407).

O regionalismo sempre esteve a serviço da construção da idéia de nação. Lígia C. Moraes Leite (1978:34-43) analisou nove autores classificados no regionalismo gaúcho, concluindo que a maior parte dos textos funciona como gravuras aos olhos do leitor, que tem a impressão de estar diante de quadros ou fotografias cujos cenários apresentam pequenas variações. A abertura dos livros é uma descrição de um elemento escolhido da paisagem, que funciona como símbolo da região ou do homem da região; a focalização recai sobre o homem do campo, seu trabalho, lazer, guerras, amores, paisagens, animais que o cercam em oposição ao homem da cidade; o tema é a valorização do gaúcho-herói – tipo humano ideal -; os costumes são descritos em detalhes e querem significar as características morais das personagens; apaga-se a oposição entre patrão, peão e agregados apresentando-os como valentes heróis, dominadores da terra, destemidos diante da morte e do trabalho perigoso. O texto regionalista

sofre da ambigüidade arte-documento, isto é, quer ser valorizado como testemunho da realidade e ao mesmo tempo quer seguir as leis artísticas que consideram mais a construção interna do texto que o conteúdo.

O modelo estático que a maioria do regionalismo seguiu, a repetição das mesmas convenções, a preocupação com a verossimilhança, querendo fazer o ficcional parecer com o real foi motivo de crítica no Modernismo, marcado pela pesquisa, dinamismo, questionamento das convenções, incorporação de novos materiais artísticos e busca da autonomia da arte do compromisso em retratar a realidade, que é a função do documentário. A partir do Modernismo, aconteceu a busca de renovar o regionalismo pela técnica da visão interna do mundo criado, pela desintegração do tempo cronológico, e pela dissolução da categoria da causalidade, rompendo com o universo realista das certezas. Na visão subjetiva e interna do real, o narrador põe em dúvida o que narra, que reconhecer ser uma interpretação sua do real e um produto da sua memória. A narrativa é o produto de uma visão da realidade, então o texto reflete sobre si mesmo, e relativiza a verdade. Nem todo texto regionalista surgido a partir do Modernismo apresenta as características acima descritas, muitos continuam seguindo os modelos convencionais.

A persistência deste gênero literário, entretanto, que a crítica considera ter atingido as mais altas qualidades em escritores como Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, evidencia a constante busca da identidade nacional, quer pela atenção às particularidades naturais, quer pela construção de espaços míticos que usam materiais de uma realidade local para falar da condição humana. O regionalismo valorizou o elemento popular, revelou o Brasil aos brasileiros, mesmo quando pobre em qualidades literárias fez documentários minuciosos (SODRÉ, 1982: 408); interferiu na realidade levando para ela termos e nomes de personagens, como é o caso da forte influência de *Iracema*, de José de Alencar, no Ceará (PROENÇA, 1982: 23). Nos regionalistas mais contemporâneos há o sentido social, a intenção de valorizar o homem mais que o meio em que vive.

Cabe, então, perguntar que tipo de contribuição Mário Palmério deu ao Regionalismo, que tipo de imagem ele construiu para o sertão mineiro e como ele fez isso.



2.5. Notas sobre Mário Palmério

De acordo com os dados biográficos do autor, colhidos na Nota da Editora, presente na 22ª edição de Vila dos Confins (1984), Mário de Ascensão Palmério nasceu em Monte Carmelo, Minas Gerais, em primeiro de março de 1916. Seu pai, Francisco Palmério, era engenheiro civil e advogado, homem de cultura e de muito prestígio na região do Triângulo Mineiro, tendo exercido o cargo de Juiz de Direito em várias comarcas de Minas.

Mário Palmério cursou o segundo grau no Colégio Diocesano de Uberaba e no Colégio Regina Pacis de Araguari. De 1935 a 1936, estudou na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro. Em 1936 começou a trabalhar no Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais, na sucursal de São Paulo. Na capital paulista foi professor de matemática para o segundo grau, ocupação a que deu preferência, deixando sua função no banco.



Figura 01. Mário Palmério, na cerimônia de posse na Academia Brasileira de Letras, 1968.
Fonte: Memorial Mário Palmério, 2007.

Atraído pelo progresso causado na região de Uberaba pelo desenvolvimento da pecuária de gado indiano, deixou a capital paulista, fundando naquela cidade mineira o Liceu do Triângulo Mineiro. Era apenas a primeira realização de seu empenho em construir escolas e investir na educação. Em 1945, fez construir em Uberaba o conjunto de edifícios para serem sede do Colégio do Triângulo Mineiro e da Escola Técnica de Comércio do Triângulo Mineiro, já planejando a criação da primeira escola superior da região. O que veio a acontecer, em 1947, quando o Governo Federal autorizou o funcionamento da Faculdade de Odontologia do Triângulo Mineiro. Uberaba deu, assim, o primeiro passo para se tornar uma cidade universitária.

Mário Palmério continuou sua obra fundando, em 1950, a Faculdade de Direito; e em 1953, a Faculdade de Medicina. Ainda em 1950, foi eleito deputado federal por Minas Gerais, na legenda do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Desdobrava-se, assim, entre as atividades educacionais e políticas. Na Câmara dos Deputados exerceu a Vice-Presidência da Comissão de Educação e Cultura de 1950 a 1954. Foi reeleito Deputado Federal, em 1954, quando integrou a Comissão de Orçamento e a Mesa da Câmara. No ano seguinte, matriculou-se na Escola Superior de Guerra, onde concluiu o Curso Superior de Guerra. Apesar de exercer seu mandato e suas outras atividades no Rio de Janeiro, continuou seu trabalho em Uberaba, onde fundou, em 1956, a Escola de Engenharia do Triângulo Mineiro.

Estreou na literatura aos 40 anos, em 1956, com *Vila dos Confins*, livro dedicado à política e ambientado na sua região eleitoral do Triângulo Mineiro e zona de Paracatu. A literatura veio unir-se às suas atividades de educador e de político, todas inspiradas por seu amor à sua terra e à sua gente. Assim, fez construir, em Uberaba, as primeiras instalações da Cidade Universitária, em terreno de mais de trezentos mil metros quadrados, e o Hospital "Mário Palmério", da Associação de Combate ao Câncer do Brasil Central.

Reelegeu-se pela terceira vez como Deputado Federal, em 1958, mas decidiu afastar-se da vida política em 1962, quando o Presidente João Goulart o nomeou Embaixador do Brasil junto ao governo do Paraguai. Nessa missão permaneceu até 1964, tendo efetuado a reforma e reinstalação do edifício doado ao Paraguai pelo governo brasileiro e da Ponte Internacional de Foz do Iguaçu, e a instalação em novo e amplo edifício do Serviço de Expansão e Propaganda, Missão Cultural e Consulado. Interessado pelas atividades culturais e artísticas, compôs guarânias e polcas que foram gravadas em LP, o que o integrou aos intelectuais paraguaios e estreitou os laços de amizade entre os dois países.

Finda sua missão no Paraguai, Mário Palmério se isolou na sua fazenda no sertão do sudeste de Mato Grosso, onde escreveu *Chapadão do Bugre* (Figura 02), lançado em 1965, seguindo a mesma matriz regionalista de *Vila dos Confins,* onde o autor aprofunda o tema da violência como parte formadora do sertão mineiro.



Figura 02. Mário Palmério, em lançamento na LJOE, do livro Chapadão do Bugre (1965).
Fonte: Memorial Mário Palmério (2007).

Chapadão do Bugre narra basicamente a história da personagem José de Arimatéia. "Isé", como é chamado pelo preto Arcanjo. Como *Vila dos Confins*, a obra se fecha com a cortina escura da noite caindo sobre a história: "Mas camurça não pode ouvir os tiros, a rajadazinha derradeira, assistir ao fim. De súbito, sumiu-se a barra da manhã, e uma noite sem lua e sem estrelas – negra, terrivelmente negra – acabou por tudo apagar e emudecer." (PALMÉRIO, 1976:383).

Os dois romances o levaram a ser eleito, em 1968, para a vaga de Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras (Figura 01). Seu discurso de posse foi um completo estudo sobre a obra de Guimarães Rosa, resultado de muita pesquisa acerca da vida, personagens e cenários do escritor a quem sucedeu.

Sua natureza de pesquisador o levou de 1969 a 1970 à Amazônia, onde queria colher material para um próximo romance. Percorreu seringais, castanhais, garimpos e aldeias indígenas, recolhendo variado e abundante material que daria um completo e inédito documentário sobre aquela região praticamente desconhecida até então. Grande foi o interesse pelo produto desta

viagem, graças a qual pronunciou conferências em Universidades de Portugal, Espanha, França e na África.

Em janeiro de 1978, voltou à Amazônia onde permaneceu durante nove anos, a bordo de um barco, o Frey Gaspar de Carvajal, que ele mesmo construiu e preparou para suas viagens fluviais pela bacia Amazônica. Neste barco, Mário Palmério recebeu cientistas e naturalistas de vários países, alguns dos quais participaram de viagens pelos rios e afluentes amazônicos pouco conhecidos, em cujas margens encontraram tribos indígenas que não tinham qualquer contato com a civilização.

Mário Palmério voltou a Uberaba em 1987, reassumindo a direção das Faculdades Integradas de Uberaba. Em outubro de 1988, assistiu em Brasília, no gabinete do Ministro da Educação a assinatura do reconhecimento da Universidade de Uberaba, assumindo, em seguida, o cargo de reitor. Em sua gestão criou os campus das cidades de Frutal e Monte Carmelo.

Em 1996, afastou-se da reitoria da universidade para cuidar de sua saúde, dedicar-se à literatura e à pintura, pela qual também era apaixonado. Seu filho Marcelo Palmério o substituiu no cargo de reitor.

Mário Palmério casou-se com Cecília Arantes Palmério com quem teve dois filhos: o professor Marcelo Palmério e a artista plástica Marília Palmério Assumpção. O escritor faleceu em Uberaba, no dia 24 de setembro de 1996. Deixou dois livros inéditos: *O morro das sete voltas* e *Atanásio ou Confissões de um assassino perfeito.*



CAPÍTULO III

A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO EM ESPAÇO LITERÁRIO



3.1. Vila dos Confins: *os espaços do sertão*

O livro *Vila dos Confins* (Figura 03), publicado em 1956, se originou do relatório feito por Mário Palmério sobre fraudes eleitorais nas primeiras eleições, ocorridas em 1952, para a prefeitura de quatro municípios da região de sua influência, recentemente emancipados. Tal relatório foi feito em cumprimento a determinação do partido político de Palmério, o PTB, e apresentado à Câmara dos Deputados. O conhecimento vivido de perto das eleições levou Mário Palmério a defender reformas da legislação eleitoral a fim de garantir a liberdade de escolha e o sigilo do voto, inexistentes no sistema então em vigor em que o eleitor era vigiado a cada passo e já recebia as cédulas prontas nos currais eleitorais. Entretanto, a existência de fraudes já havia sido minuciosamente denunciada por Victor Nunes Leal (*apud* FONTES, 2000:16) no seu livro *Coronelismo, enxada e voto,* de 1949, que registrava como fatos institucionalizados nas eleições do sertão, a corrupção, as fraudes, o nepotismo a troca de favores e o uso da violência para a manutenção do poder.



Figura 03. Capa da 22ª Edição de Vila dos Confins, lançada pela Livraria José Olympio Editora (1984).
Autor: Poty.
Fonte: Memorial Mário Palmério, 2007.

Não há dúvida de que o tema de *Vila dos Confins* é a política no sertão mineiro. Viver os dois lados da situação eleitoral, como político e como observador das eleições; a revolta e o desejo de mudar um estado de coisas inaceitável, podem ter agido como poderosos motivadores para que Mário Palmério transformasse estas vivências e observações em texto literário. Mas, não é só isso, porque a existência de fraudes já era fato conhecido e divulgado por textos de

caráter oficial, como seu relatório, e antes dele, dentre outros, pelo texto de cunho de documentário de Victor Nunes Leal.

O objetivo do texto que se apresenta é analisar *Vila dos Confins*, enfatizando como a construção do espaço na obra pode esclarecer a escolha do autor de dar esta forma às suas vivências e lembranças do sertão mineiro.

Vila dos Confins começa antes de começar, ou seja, antes do Capítulo 1, quando um narrador em terceira pessoa apresenta ao leitor o Sertão dos Confins (Figura 04). Apresentação de quatro páginas que mostra vários ângulos do sertão, a começar por sua configuração como território vasto, mas delimitado pela Serra dos Ferreiros, onde começa, e pelo Ribeirão das Palmas, onde termina, segundo o depoimento confiável do Padre Sommer.



Figura 04. Ilustração do Livro "Vila dos Confins", delimitando alguns horizontes para que o leitor compreenda o espaço vivido.
Autor: Percy Lau.
Fonte: PALMÉRIO, 1984.

O narrador, no parágrafo seguinte, se encarrega de tornar relativos os limites do Sertão dos Confins, chamando o depoimento do professor Elias Fragoso em discordância ao do padre. Chama, ainda, o comentário de Jorge Abdala, segundo o qual a indeterminação dos limites é de pouca importância. Nas palavras do narrador, acima da incerteza sobre os limites, existe a certeza de que o Sertão dos Confins existe em qualquer lugar entre a montanha (Serra dos Ferreiros ou Serra dos Papagaios) e o rio (Urucanã ou Ribeirão das Palmas).

> Começando na Serra dos Ferreiros ou na margem esquerda do rio Urucanã, findando no Ribeirão das Palmas ou no espigão-mestre da Serra dos Papagaios, o fato é que o Sertão dos Confins existe. E é um mundão largado de não acabar mais. (PALMÉRIO, 1984:03).

Montanha e rio (Figura 05) são elementos identificados na realidade exterior ao texto como característicos de Minas Gerais. Elevações, ondulações no relevo e a fartura das águas formando vales férteis e verdes são típicos da paisagem mineira. Mas, se procuramos os topônimos nos mapas não os encontramos. Há uma Serra dos Ferreiros em Portugal, não há rio Urucanã em Minas; o mais próximo que chega dele, é o rio Urucuia, afluente do São Francisco no norte de Minas, e a Serra dos Papagaios fica na região sul do Brasil. O Sertão dos Confins seria, assim, uma área de múltiplas fronteiras, como Minas Gerais.

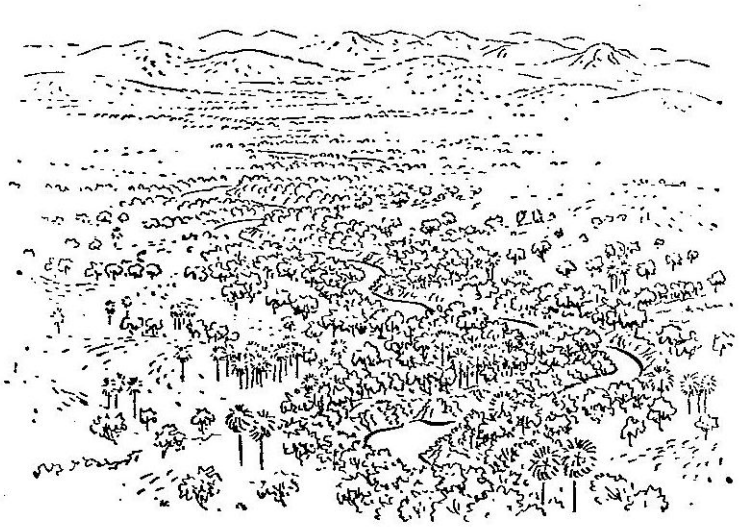


Figura 05. Ilustração do Livro "Vila dos Confins", onde elementos como rio e montanha apresentam-se como as principais referências espaciais.
Autor: Percy Lau.
Fonte: PALMÉRIO, 1984.

A seguir, o leitor é apresentado ao solo e sua ocupação, numa visão integradora do meio e do homem, já desenvolvida desde o primeiro parágrafo quando os limites do Sertão são dados a partir de seus habitantes. Na vastidão de terras, há poucas manchas de terra boa ocupadas por fazendas – invernadas do Batista, furnas da família Belo, baixadas de terra preta dos Correias. Há vazios nestes territórios, compostos pelas matas das vertentes da Serra do Fundão e os capões de mato. O narrador continua a usar o recurso de definir o meio pela ocupação humana, construindo um sertão humanizado.

No comentário seguinte, o narrador começa a descrição da paisagem pela enumeração do nome das árvores (Figura 06). Este recurso será muito usado no livro. Listas e listas de nomes de objetos, que informam as particularidades concretas do lugar e o conhecimento deste lugar pela capacidade de chamar as coisas pelos seus nomes, são encontradas no decorrer da obra. Quem conta a história é alguém próximo, um exímio conhecedor, integrado ao sertão. Palmério aponta que há:

> Pouco mato e, por isso mesmo, madeira pouca. Nos Confins – claro que à exceção das zonas de cultura de primeira – o pau de lei é vasqueiro. Um isto que mal-mal dá para o gasto: canela, ipê (primos-irmãos, os dois: o ipê-roxo e o ipê-amarelo), a sucupira, o cedro. E a aroeira, que, apesar do madeirão respeitado, que é, não padroniza, a rigor, cultura de primeira qualidade. (PALMÉRIO, 1984:04).

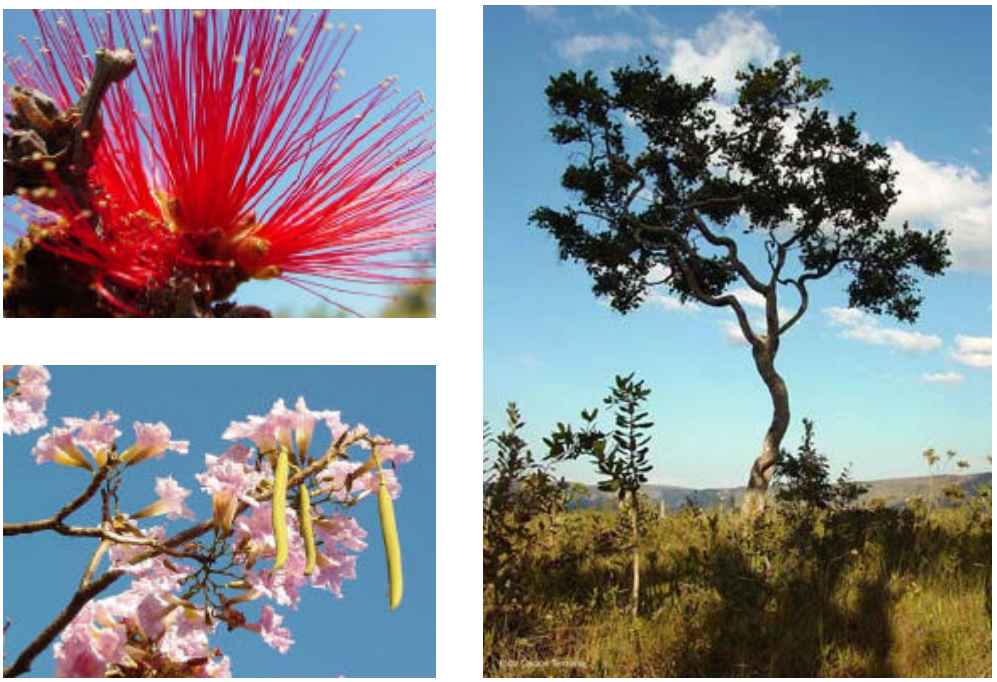


Figura 06. Flora do Cerrado – Flor do Cerrado *(Calliandra dysantha Benth)*, Ipê Rosa (*Tabebuia avellanedae)* e Sucupira *(Bowdichia virgilioides Kunth).*
Fonte: Carlos Terrana, 2007. (www.terrana.com.br)

Nota-se no trecho outra característica de *Vila dos Confins*, que Rachel de Queiroz, em nota, encheu de elogios: a linguagem. Segundo ela, primeira pessoa a quem o autor mostrou seu livro, a habilidade de escrever é coisa rara em um estreante, mas Mário Palmério tinha o cuidado necessário com as palavras, sabia lidar com elas e não se preocupava só em contar uma história ou em desenvolver idéias, mas, antes de tudo, em escrever. Este cuidado com a escrita, a linguagem colorida e divertida, faz com que, mesmo os quadros mais longos e descritivos, sejam saboreados como importantes em si mesmos.

Seguindo a apresentação do sertão, torna-se bem clara que a intenção do autor não é construir um espaço idealizado, mas captar os contrastes que formam a região. Assim, se as terras férteis são manchas descontínuas, predomina a terra pobre da caatinga.

> Farturão de caatinga possui o Sertão dos Confins. Léguas e léguas dessa tristura de cerrado feio, espinhento e seco – desconsolado terreno – último furo em matéria de terra que não presta, freqüentada quase que só pelos lagartões tiú, povinho sonso, surdo e rabudo, mestre em lanhar a chicote as canelas dos passantes descuidados. (PALMÉRIO, 1984:04).

Assim, se o objetivo for traçar correspondência entre o espaço geográfico de Minas Gerais e o espaço literário do Sertão dos Confins, deve-se admitir que este se situa, aproximadamente, entre o Triângulo Mineiro e o Alto e Médio São Francisco, estendendo-se, em grandes áreas, pelos gerais e pelo Semi-árido mineiro. O livro vai mantendo uma certa verossimilhança com a realidade, que não busca descrever fielmente, mas que passa pela liberdade criativa, construindo um espaço de possibilidade entre o real e o imaginário. Por mais que o autor afirme a predominância da caatinga, surgem pontuando suas paisagens frondosos buritis (Figura 07), copados pés de jatobá, e sempre a liquidez do Urucanã a ligar as margens do sertão.



Figura 07. Buriti *(Mauritia vinifera)*, um dos símbolos do sertão, constantemente citado em textos de cunho regionalista.
Fonte: www.cronopios.com.br

No aspecto econômico, a lavoura – arroz, feijão, milho, cana, mandioca e algodão – é praticada em pequena escala também nos Confins, como na maioria das pequenas propriedades no interior do país. A pecuária é a principal atividade econômica e, nela, o narrador se detém atribuindo pormenores: dos nomes das raças mais comuns até as resultantes

do cruzamento com o zebu. Nestes nomes, identifica-se o espaço próximo à microrregião do Triângulo Mineiro, que se destacava pela criação do zebu e das raças dele derivadas, e o espaço fronteira com o Nordeste de onde veio para Minas o gado curraleiro, ou pé-duro, bem adaptado aos maus tratos do meio e do clima. A pecuária é dimensionada como atividade humana, quando Nequinha Capador desvia a atenção dos campos cobertos de bois, para seu trabalho de transportar e comercializar o gado, ajudando na melhoria das raças (Figura 08). O sertão dos Confins é assim descrito, com ares de lugarzinho escondido entre montanhas e rios, entre lembranças e saudades do homem sertanejo, sempre disposto a parar para um café e uma boa prosa. O IBGE vai além e delimita o lugar desvendado por Mário Palmério, e o revela no Atlas Geográfico Escolar, no mapa de Regionalismo Literário (Figura 09).



Figura 08. Ilustração do Livro "Vila dos Confins", evidenciando uma propriedade rural típica do sertão mineiro até meados do século XX.
Autor: Percy Lau.
Fonte: PALMÉRIO, 1984.

Da economia, o narrador passa para o aspecto populacional, comentando que é grande a quantidade e a diversidade de habitantes, em idade e índole como de qualquer parte. Finalmente, chega-se ao município de Vila dos Confins, "Sim senhor, cidade!" (PALMÉRIO, 1984:05), com igreja, farmácia, venda, escola particular, coletoria, cemitério, sapataria-farmácia-armazém e projeto de posto de gasolina. Vila dos Confins é o lugar centro onde se cruzam as ações do livro, mas não há nada de específico nela, ao contrário, a cidadezinha pode ser qualquer uma das milhares de cidades no interior brasileiro.

Falando diretamente ao leitor, o narrador torna seu texto relativo e não se esconde atrás da máscara da ficção para fingir que ela é a transcrição fiel da realidade. Pelo contrário, ele assume a ficção como liberdade para situar as ações em uma área que não consta dos mapas,

mas conta com a estrutura administrativa: prefeitura e câmara. O arraial, afirma o narrador, existe desde o tempo das sesmarias e, se não consta dos mapas, é culpa do governo que é sempre o culpado de tudo. “Culpa mesmo do Governo, que, afinal de contas, sempre foi, é e será ele o culpado de tudo o que acontece de errado e malfeito por esse mundo de Nosso Senhor.” (PALMÉRIO, 1984: 05).

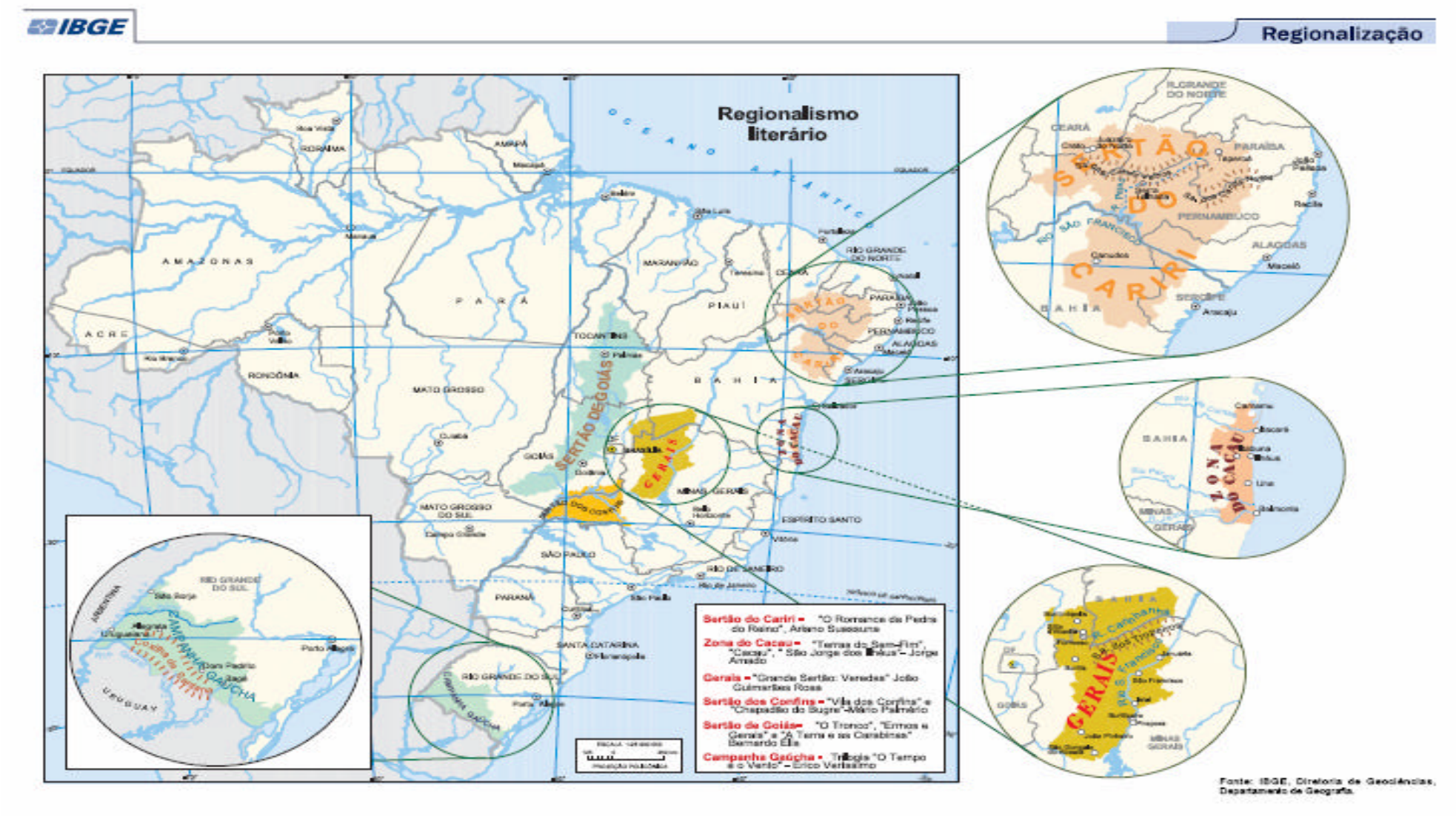


Figura 09. Atlas do regionalismo literário no Brasil.
Fonte: Atlas Geográfico Escolar (2002).

Quanto ao aspecto do lazer, o Sertão dos Confins oferece caçadas, graças à abundância de pássaros, caça miúda e bichos de porte, enumerados em longa lista que contempla também os representantes da natureza selvagem como as onças, sucuris e jacarés (Figura 10). O especialista em caçadas é o padre Sommer, seguido de Antero Ferreira. O padre, depois do deputado Paulo Santos, é o personagem mais simpático ao narrador. Ele é citado inúmeras vezes na fala ou no pensamento de Paulo com a grande amizade nascida entre os dois pelo amor ao sertão e sua gente. Este amor nasce do modo desinteressado como o padre se relaciona com o espaço. Ele está sempre em movimento e apenas as dádivas ou os desafios da terra o fazem parar, estabelecendo nestas pausas relações que não se baseiam em idéias de poder ou de domínio. Pode-se dizer que ele explora o sertão motivado pelo prazer de descobrir, de coletar, de medir-se com a força selvagem, representada pelas onças, que ele exibe como troféu.



Figura 10. Fauna do Cerrado – Harpia *(Harpia harpyja)*, Jacaré (*Caiman latirostris)* e Onça-pintada *(Panthera onca).*
Fonte: Carlos Terrana, 2007. (www.terrana.com.br)

A pesca (Figuras 11 e 12) é outra atividade de lazer oferecida pelo Sertão dos Confins, em que há fartura de peixes de todos os tipos. Sobre este tema, Palmério afirma que ali existe:

> Peixe por demais: de escama ou de couro, de bigode ou sem bigode, a peixaria é um dilúvio. Dourados e matrinxãs, surubins e pacus, taguaras e piaus, jaús, piras,

> corvinas... – povo aquático de todas as categorias e tamanhos. Tarrafa jogada em rasoura não volta murcha. (PALMÉRIO, 1984:06).



Figura 11. Ilustração do livro "Vila dos Confins", mostrando a importância do rio e da pesca na construção da identidade local.
Autor: Percy Lau.
Fonte: PALMÉRIO, 1984.



Figura 12. Rio São Francisco, Pirapora – MG. Acredita-se haver alguma relação entre o Rio Urucanã, do sertão dos Confins, e o Rio São Francisco.
Autora: VINAUD, N. C. A. (2005).

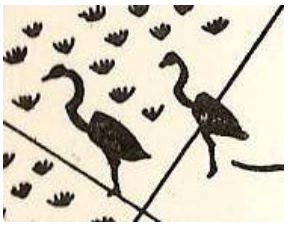
O narrador não só os conhece pelo nome e hábitos, mas também sabe as iguarias que podem ser feitas deles. Gerôncio dos Santos, o negro balseiro, é visto pelo narrador como uma pessoa excelente, e o melhor guia para os pescadores que vem de fora. Foi seguindo o curso dos rios em busca de boa pescaria que Paulo chegou pela primeira vez ao Sertão dos Confins, fez amigos e, depois, eleitores. Ele, como o padre, está sempre em movimento pelo sertão, seja antes da política pelo prazer da pescaria com os amigos, seja durante a campanha em que o percorre buscando fundos para a eleição e votos.



Figura 13. Ilustração do Livro "Vila dos Confins", que auxilia o leitor na construção e compreensão do espaço em questão.
Autor: Percy Lau.
Fonte: PALMÉRIO, 1984.

Seguindo com o narrador, chega-se a casa e a venda de Jorge Turco, ponto de encontro para conversar e saborear a comida da Ambrosina, apresentada como preta de alma boa como o Gerôncio (Figura 13). Vale registrar a observação do narrador de que a conversa na venda podia estender-se noite adentro porque Jorge Turco era solteiro, assim não havia mulher para implicar com a turma de amigos. Ambrosina cozinhava e passava café a noite toda se fosse preciso. Ela e Gerôncio são praticamente as únicas personagens de extração mais humilde que aparecem no livro. Ambrosina, uma das poucas mulheres que aparece no livro, não tem direito à voz, vista como submissa e subserviente, já que o papel secundário da mulher era (e ainda é) característico do interior de Minas Gerais. Gerôncio é o companheiro de pescaria de Paulo, tem voz e família e participação mais marcada nos episódios narrados, que mudam de forma trágica sua vida.

O "tour" pelo Sertão e pela Vila dos Confins termina com o convite ao leitor para que vá até aquele lugar abandonado pelas geografias e pela política e converse com o padre para saber mais detalhes. "Quem desejar pormenores, só mesmo dando um pulo até lá" (PALMÉRIO, 1984:07). Novamente, o narrador brinca com a ficção e com a realidade, ao convidar e ao mesmo tempo dizer que é muito difícil encontrar o padre que vive explorando os rios e as montanhas. Mas, para quem insistir, há outros habitantes-personagens nos Confins. Eles são a nota dominante do "tour" em sua integração ao meio. É o homem que traça os limites do sertão, que domina os territórios de terra boa, que explora os vazios e que faz da venda de Jorge Turco um lugar de prosa.



3.2. Intersecção: Ligando os espaços

Passada a introdução, o romance *Vila dos Confins* se organiza em capítulos numerados do 1 ao 31. No capítulo 1 o mesmo narrador encontra-se em terceira pessoa, mas, nem por isto, distante ou indiferente ao que narra. Ao contrário, ele não só conhece muito bem os lugares e as pessoas como demonstra suas emoções em relação a eles.

A paisagem ao sol das três horas é o lugar por onde passa o mascate Xixi Piriá (Figura 14), tão conhecido que a areia da caatinga é sua amiga, as minas d'água o chamam pelo nome, as porteiras e currais riem para ele. Apesar deste conhecimento e simpatia, homem e meio são integrados, mas desproporcionais. Como seu nome indica "Xixi Piriá" é quase um ratinho cruzando as lonjuras do sertão debaixo do sol escaldante. Também, para ele, o sertão não é território, mas lugar vivido no dia-a-dia de suas jornadas. Pode-se dizer que esta personagem, de extração humilde, fisicamente insignificante, é a terceira na lista de simpatia do narrador. Xixi Piriá também não estabelece com a área laços de poder ou de domínio, embora suas travessias sejam suas formas de sobrevivência; são também muito mais que meras relações econômicas. Todas as pessoas o acolhem e tratam bem e, em todas as casas, ele está como em sua casa.



Figura 14. Ilustração do Livro "Vila dos Confins". A ligação dos vastos espaços do sertão é feita pelo personagem Xixi Piriá.
Autor: Percy Lau.
Fonte: PALMÉRIO, 1984.

Para distrair as grandes distâncias, Xixi brinca com a própria sombra, numa ação que também encerrará o livro, já passado o reboliço provocado na Vila pela primeira eleição para prefeito e vereadores.

> Xixi Piriá tinha lá também as suas manias: a predileta era brincar com a própria sombra, vigiar o espicha-encolhe provocado pelo sol a subir e a descer. Divertido a gente se ver crescendo, até acabar num caboclão apaideguado, dono de toda a largura e comprideza da estrada! (PALMÉRIO, 1984:15).



Figura 15. "O sertão tá dentro da gente." (ROSA, G. Grande Sertão: Veredas, 2001).
Foto: Jurandir Lima.
Fonte: Aventura Brasil, Parque Nacional Grande Sertão: Veredas. (http://www.zone.com.br/aventurabrasil/)

Embora o mascate não seja a personagem principal, ele é o representante de Vila dos Confins antes e depois das eleições. Ele é o sertanejo, o "herói" local, sem as qualificações do "super-homem", de força e beleza física, mas cheio de qualidades morais e de caráter.

> O sol castigava. A areia do chapadão virara poeira de mica: cinza de fogo branco, fogo quente de verdade. Mas Xixi Piriá não podia parar. Não podia, que um mundo de gente esperava por ele. Na mala, além de tanta encomenda, iam segredos também: recados, bilhetes... – mensagens ainda frescas de beijos, escondidas em muito embrulhinho inocente. O mascate não podia afrouxar a marcha: todo o sertão tinha encontro marcado com ele.
> Coitada da Da. Ermesinda! O Betico, tão moço, e já criminoso fugido: caçado, rastreado, acuado que nem bicho-fera... E o boato era que ele já estava cercado, ferido, sem mais salvação. Boato só, exagero: " – Olhe, Xixi, fale com a mãe que não se cuide. Aqui neste oco de mundo, ninguém me acha, não. Desta vez, escapei..." (PALMÉRIO, 1984:13).

Se o objetivo deste trabalho fosse analisar personagens, bastaria seguir Xixi Piriá, para entender como a disputa política transformou o pequeno arraial. A inocente brincadeira de ver a sombra crescendo, encontrará seu sentido no final do livro de forma dialética porque a transformação em "caboclão" será feita a um alto preço. De carona com o mascate, o leitor vai de encontro a alguns moradores das fazendas e seus dramas, como o de Betico, criminoso refugiado no sertão, fugindo da polícia e dos jagunços, e mandando por Xixi notícias para a mãe doente.

Logo no primeiro capítulo, a violência se apresenta como componente dos Confins. De início ela é anunciada sem maiores esclarecimentos, mas, ao longo do livro, no capítulo 3, ficamos sabendo que o crime do moço foi matar os jagunços que pela segunda vez invadiam sua terra para desviar a água que alimentava o monjolo. A violência é usada por Neca Lourenço para

evitar a quebra do contrato de venda da fazenda Buritizal que lhe custou uma vida de sacrifícios. O deputado também terá de lançar mão dela, ao forjar uma tocaia, para garantir a tranqüilidade da eleição em Vila dos Confins. Xixi Piriá acabará tendo de valer-se dela para aumentar sua sombra no sertão. (Figura 15).



3.3. Os donos do sertão: lugares e territórios

O Deputado Federal Paulo Santos[1] é a personagem principal do livro, porque é nele que o narrador coloca sua câmera em focalizações do exterior e do interior e desenvolve sua história. Paulo conhece muito bem a região dos Confins, onde havia passado noites pescando ou caçando jacarés com Gerôncio. O conhecimento vivenciado faz com que ele veja além da aparência inofensiva do rio Urucanã, no barranco do qual se encontra Vila dos Confins, seus mistérios e traições. À sua vivência une-se o depoimento do Aleixo Telegrafista de que o caboclo-d'água lidera as piranhas do rio, formando uma dupla implacável com suas vítimas.

Não se conhece a circunstância em que Paulo ingressou na política, mas sabe-se que ele a considera um fardo, acompanhado seu pensamento durante a pescaria que o livra das intermináveis reuniões do partido e o leva a sua vida boa anterior.

> Hora e tanto já, e nada de peixe. Mas o gostoso era ficar assim na canoa, pensando na vida, imaginando coisas. Passada aquela eleição, ia sossegar. A política matava, acabava com a pessoa. Depois que se metera nela, nunca mais pudera ter uma semana de descanso. Escravo dos outros, do partido, do eleitorado. E os adversários não dormiam, os concorrentes vigiavam. Todos os dias, uma notícia má, nomeações que não saíam, chefes do interior que ameaçavam romper por causa de pedidos impossíveis... E ter de mentir, de prometer... (PALMÉRIO, 1984:35).

Paulo fora a mais de vinte municípios fundar o diretório da União Cívica, em oposição ao Partido Liberal que mandava na região. O Sertão dos Confins era território do coronel Francisco de Oliveira Belo, conhecido como Chico Belo, da rica e tradicional família dos Belo, que desde sempre impunha sua vontade, amparada por políticos corruptos, fazendeiros ricos, eleitores que vendiam seus votos ou os trocavam por cargos e favores.

[1] A personagem Paulo Santos é tratada no livro ora como Deputado Federal Paulo Santos, ora como Paulo Santos, ora somente Paulo.

> A luta contra o Chico Belo ia ser difícil: o coronel era vaidoso, rico – podia gastar à vontade. Dinheiro não faltava também aos Rochas, tão interessados naquela eleição como o próprio Chico Belo, ou mais ainda, por causa da candidatura do Dr. Osmírio a deputado estadual. Algum candidato a federal, também – ou o Azambuja ou outro qualquer – a entrar com a sua cota... E o Governo! Esse, então, valia muito mais que todo o dinheiro do Chico Belo, dos Rochas, dos candidatos a deputado: o Alcindo a cometer os maiores abusos na Coletoria; o delegado militar – mais hoje mais amanhã, o homem apareceria com o destacamento – as nomeações, o intendente a manobrar como bem entendia o dinheiro dos impostos e as verbas do Estado e da União, o Juvêncio a controlar, como juiz de paz, todo o movimento eleitoral no cartório... E a pressão, as ameaças, a jagunçada dos Belos... (PALMÉRIO, 1984:46).

O poder, o dinheiro, o prestígio e as coligações dos Belo deixavam o Partido Liberal em uma situação de franca vantagem. Mas não é no espaço dos Confins que o candidato vai garantir sua eleição. Acompanhado do Dr. Osmírio ele voa para a capital para conseguir do governador o delegado militar e sua tropa a fim de intimidar a oposição e os eleitores. Essa viagem introduz o progresso, o urbano e o moderno na paisagem dos Confins. Objetos de outra realidade aparecem na forma do avião, do elevador, dos anúncios luminosos, e em todas as formas de conforto que o dinheiro pode comprar. E ali no gabinete luxuoso do Secretário dos Negócios do Interior são selados os acordos, o toma-lá-dá-cá político (Figura 16). A grande viagem de Chico Belo termina na casa do Secretário, regada a uísque, no jogo de pif-paf em que o Secretário ganha mais de trezentos contos. O coronel se deslumbra com aquele mundo novo de luxo e ostentação que a vitória nas eleições podia colocar a serviço dos seus próprios interesses:

> Ele precisava mais era de viajar, conviver com os chefes da Capital, desembaraçar-se mais. Com a Prefeitura nas mãos ia ser fácil. O Paiva, de Nova Esmeralda, não fizera, quando prefeito, quarenta e oito viagens à Capital, e tudo à custa do município? Falavam dele, mas a verdade é que prefeito nenhum tinha mais prestígio com o pessoal do Governo que o Paiva. Colocou os filhos todos, até gerência da Caixa Econômica arrumou para o genro... Hoje, era o boiadeiro mais forte da zona, com os bancos do Governo escorando os negócios dele... (PALMÉRIO, 1984:171-72).

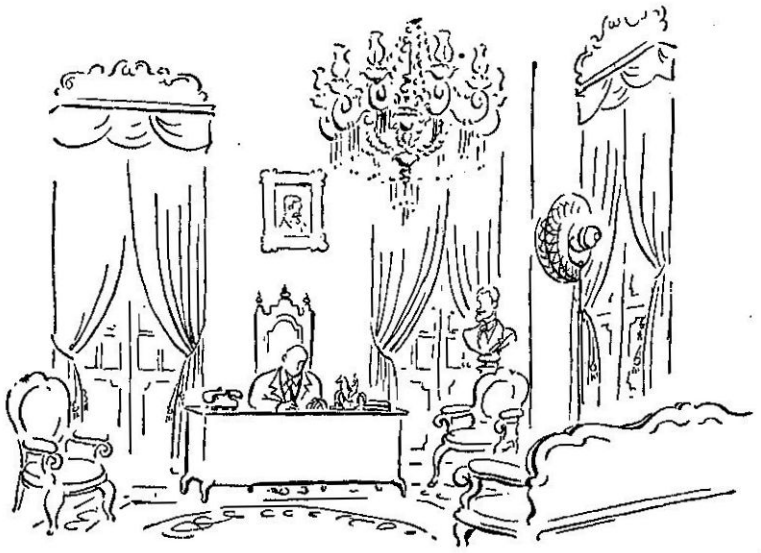


Figura 16. Ilustração do Livro "Vila dos Confins". A política é um elemento fundamental na configuração do sertão.
Autor: Percy Lau.
Fonte: PALMÉRIO, 1984.

Enquanto isto Paulo percorre o Sertão dos Confins com o candidato a prefeito pela União Cívica, o honesto João Soares. Buscam ganhar no corpo-a-corpo o que falta em dinheiro para a campanha. Para isto, Paulo contrai maleita no arraial do Carrapato, marcado pela miséria e pelo abandono. Suas visitas refazem os caminhos da ocupação do sertão graças à pecuária e a mineração. A legenda do partido é formada pelos moradores do sertão que vivem destas atividades típicas. O vice-prefeito de João Soares é o Seu Sebastião, dono da fazenda do Boi Solto, que acolheu Paulo enquanto ele se recuperava da maleita; os vereadores são, dentre outros, o garimpeiro Raimundão e o fazendeiro Neca Lourenço cuja trajetória de tocador de tropa a dono da furna do Bacurizal é narrada por ele em detalhes para caracterizar a força transformadora do trabalho.

Ao contrário de Chico Belo, Paulo Santos tem uma ligação afetiva com o sertão e sua gente, e pensa a política como instrumento para melhorar a vida naqueles lugares explorados pelos poderosos. Com estes argumentos, recruta os candidatos a vereador pela União Cívica.

> – O senhor precisa completar o serviço de limpeza que já começou, Seu Neca! Imagine o senhor ter de ir lá à Vila de chapéu na mão para pedir ao Chico Belo que mande consertar a estrada do Bacurizal... ter de ir lá pagar o imposto e agüentar a imposição daquele povo... E depois, pode o senhor estar certo de uma coisa: gosto de fato deste sertão e sou amigo do João Soares. Como deputado, tenho a minha influência... A gente pode fazer muita coisa pela Vila: um bom trator para consertar estas estradas de carro, duas ou três escolas rurais, um posto de saúde, agência do Correio... (PALMÉRIO, 1984:152).

Mas, parodiando Euclides da Cunha, em Confins nem todo o sertanejo é um forte. Oposta à determinação e ao trabalho de Neca Lourenço, que levou anos para conseguir a quantia que o Secretário ganhou em uma noite de jogo, existe a preguiça e má-índole do caboclo que, guiado pela lei do menor esforço, não tem o menor vínculo afetivo com o sertão, usando-o de forma irresponsável e predatória. O narrador confirma suas acusações contra o caboclo, que compara ao cachorro gazeta, com o testemunho de Paulo e os muitos "casos" sobre eles contados por Neca Lourenço.

> Criação fácil de reunir boas e duráveis amizades, essa é o cachorro. Mas o gazeta vadiava tão maligno – ladrão de cozinha, fomentador de arruaças, traiçoeiro, ruim – tão mal-inclinado era o peste, que desguaritou de uma vez, despachado a ferrão e a chicote das comitivas, sabe lá Deus se não a tiro também. Triste fim, o dos tais gazeta, que só sabiam mesmo cevar más vontades em vez de encomendar simpatias. (PALMÉRIO, 1984:132).

O narrador é determinista na caracterização do caboclo, atribuindo seus males à hereditariedade, quando diz "(...) que caboclo já nasce sofrendo da dor no encontro, desgraçado mal que não larga o desinfeliz" (PALMÉRIO, 1984:132).

Há também o sertanejo que vende seu voto, colaborando diretamente para a manutenção do poder pelos exploradores que usam a política para consolidar e ampliar suas próprias vantagens e privilégios. O leitor não ouve deles o motivo dessa atitude, só lhe restando especular que o dinheiro vivo, a simpatia dos poderosos são bons motivos para algum ganho, que compense a eterna miséria e exploração. Dinheiro é a alma da eleição em Vila dos Confins. João Soares não se cansa de dizer que "eleição se ganha com dinheiro e polícia". Enquanto a União Cívica gastou por volta de trezentos contos no pleito, o Partido Liberal gastou muito mais, conforme a avaliação de Paulo:

> — E o que gastaram eles? No mínimo, uns oitocentos ou novecentos contos. Tudo a peso de dinheiro: no Nélson, só de títulos comprados, uns cinqüenta contos; e no Fundão? Quase que acabaram com o João Soares! Quase que o pobre deita com as cargas de uma vez. Chico Belo começou pagando os títulos a quinhentos, depois a seiscentos, a oitocentos, a conto de réis... E emprestou dinheiro, abonou gente, comprometeu-se até os cabelos. Com os eleitores dele, então, é que a despesa não deve ter sido pequena. Não ficou um sem votar. Houve alguns, que eu sei, mandados buscar de automóvel em lonjuras de mais de vinte léguas! Eleição como esta, nunca vi... (PALMÉRIO, 1984:270).

As enormes despesas feitas por Chico Belo terão um efeito imediato no resultado das eleições, mas terão também um efeito em longo prazo, que podemos deduzir pelo breve comentário do narrador na introdução do livro, quando ele fala que as furnas da família Belo, ao tempo da

escritura do livro, estavam em grande parte nas mãos de um fazendeiro paulista. Pode-se supor que o livro foi escrito bem depois da realização da primeira eleição em Vila dos Confins, e que a situação política do lugar tivesse mudado, mudando também o poder dos Belo.

Existe, ainda, a traição mais uma vez motivada pela obtenção de dinheiro fácil e de prestígio. Esta parece ser a situação da personagem Pé-de-Meia, encarregada de qualificar os sertanejos para a eleição e cuja dedicação é exaltada até a realização da votação. Esperando a apuração das urnas, o pessoal da União Cívica faz o balanço da campanha e registra o trabalho árduo de Pé-de-Meia que ia a pé de fazenda a fazenda, de rancho a rancho, distantes não menos de três léguas, para ajudar o sertanejo, a maioria deles analfabeto, a preencher o requerimento exigido pela lei que lhes assegurava o direito de votar (Figura 17). A citação seguinte mostra, claramente, a transcrição da realidade local – e universal, a dimensão do homem sertanejo, inculto e grosseiro, real.

> Mas o cabo é jeitoso: não força, não insiste – espera. Tempo só de passar a gastura que a caneta sempre dá no principiante. Tão fácil... – o requerimento já está pronto, rascunhado no papel almaço a lápis fininho, macio de apagar: 'João Francisco de Oliveira, abaixo-assinado, brasileiro, residente...' Depois do jantar, já menos afadigado, João Francisco tenta de novo. A mulher está perto, os filhos também. O roceiro lavou as mãos, a lamparina queima está perto, os filhos também. O roceiro lavou as mãos, a lamparina queima claridade dobrada, de bom pavio novo. Repega no servicinho: - 'Sai da frente da luz, menino! Me dá um copo de água, ô Cota. Qual... minha vista não presta mesmo mais não. Besteira teimar...' Pé-de-Meia não deixa afrouxar o embalo: 'Me dá licença, seu João.' E pega no mãozão cascudo, pesado tal um caminhão de tora. Vai choferando a bicha, para cima e para baixo, caminhando com ela por sobre o papel; o rasto fica: primeiro, a foice espigada do jota; depois, a laçada bamba do ó; em seguida, mais duas voltas grandes, repassadas e atreladas uma à outra. Mas ainda falta o remate: o urubuzinho do til que Pé-de-Meia fez João Francisco desenhar, bem saliente, por cima do primeiro trecho da tremida assinatura. 'Já varamos um bom eito. Vamos descansar um pouco: ainda falta o *Francisco*, falta o *de Oliveira*...' (PALMÉRIO, 1984:63).



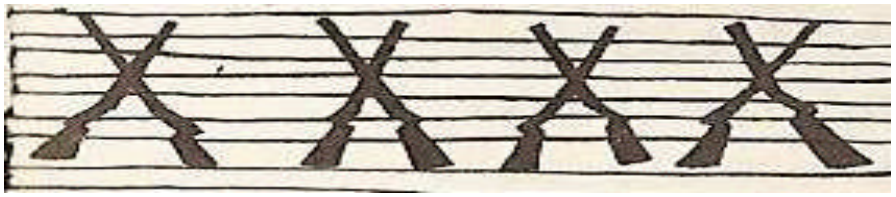
Figura 17. Ilustração do Livro "Vila dos Confins". A personagem "Pé-de-Meia" aparece como a responsável pela "compra" de votos no sertão dos confins.
Autor: Percy Lau.
Fonte: PALMÉRIO, 1984.

Cada partido pagava seus qualificadores, e estes trabalhavam para o partido, retendo os títulos de eleitor e os trocando pelas cédulas já preenchidas no dia da eleição. Como a função fosse essencial para assegurar eleitores e seus votos, havia tentativas do partido contrário em comprar-lhes o serviço e a fidelidade. Durante a visita do Secretário dos Negócios do Interior a Vila dos Confins, Pé-de-Meia foi chamado para uma conversa com ele e Chico Belo, quando lhe propuseram passar para o lado dos liberais por vinte contos, mais vinte mil-réis por título novo que conseguisse, e um emprego de fiscal na prefeitura depois da eleição. O cabo-alistador pediu um tempo para pensar e foi contar a história ao Antero, tio de Paulo, e militante ativo da União Cívica, que lhe recompensou a lealdade com a promessa da mesma quantia e o emprego na prefeitura se João Soares ganhasse.

> E ele Antero, do bolso dele, ainda gratificaria o cabo com um bom achego! Mais vinte contos a desfalcar a magra caixa do partido! Mas que valera, pois o Pé-de-Meia, se antes já era aquela especialidade de sujeito, mais esperto e incansável ficou: um azougue, o cara de cutia! O serviço de qualificação não poderia render além do que rendera: mais três auxiliares o partido deu ao Pé-de-Meia, pagos cada um a quinze mil-réis por eleitor alistado; vinte por cabeça, ao todo, porque o Pé-de-Méia levava cinco para superintender o serviço. (PALMÉRIO, 1984:269).

Como a aparência tranqüila do rio Urucanã enganava, também os colaboradores do partido como Pé-de-Meia tinham o lado que mostravam para garantir sua sobrevivência, e o lado que escondiam porque mostrava a verdadeira natureza de sua relação com a terra e a gente, em que o interesse próprio superava os do grupo e do lugar. O resultado da eleição é

conseqüência dessa luta desigual, em que a situação já inicia com a vantagem do dinheiro e o usa com o firme propósito de manter e ampliar seu território a qualquer preço.



3.4. A política transformando o sertão

Pode-se dizer que o romance *Vila dos Confins* trata a eleição como processo, em especial do ponto de vista do deputado Paulo Santos que mobiliza o Sertão dos Confins com o objetivo de lutar contra o mando do coronel Chico Belo e seus aliados. A eleição para o político idealista é uma "travessia", para usar um termo caro à Guimarães Rosa, em que ele busca meios para derrotar seus adversários, mas também estreita as relações com a terra e a gente que passa a conhecer melhor, por meio de suas histórias de vida, de seus costumes, de suas atividades, do lugar onde vivem. A maior parte da narrativa é dedicada a esta jornada ao interior de um sertão tão múltiplo quanto às personagens, e as paisagens que ocupam e alteram com suas atividades. Mas o deputado está de passagem pelos confins, vindo do Rio de Janeiro e com destino a ele, terminada a apuração.

Outra é a jornada do sertanejo que vive no território disputado pelos políticos, e que recebe diretamente na sua rotina a conseqüência das escolhas e dos atos praticados durante a campanha, situando-o entre os ganhadores ou entre os perdedores. Neste contexto, a votação, ocupa a menor e mais decisiva parcela de uma longa preparação e, depois, de uma doce vitória ou de uma amarga derrota. Pode-se dizer que a descrição do processo de votação é o que mais se aproxima do relatório sobre fraudes que deu origem ao livro. A mera descrição das etapas da eleição, não toca as emoções do leitor. Mas a construção literária do sertão como espaço que pode ser vivido como lugar de lazer, de boas relações, de trabalho duro e produtivo; mas que por ocasião da disputa de poder se revela um espaço dividido pela violência, pela traição, pela ganância, ou seja, um território de desavenças em que os interesses individuais são colocados acima do bem-estar do grupo, isto sim toca as emoções do leitor e o faz pensar na sua realidade e nas causas de muitos problemas brasileiros. O livro dedica oito dos trinta e um capítulos à volta do deputado Paulo Santos à Vila dos Confins, em

virtude da presença ali do delegado militar, e aos acontecimentos que ocorrem mais ou menos uma semana antes da votação e depois dela.

Dois capítulos do livro, o 26 e o 27, são gastos na cobertura do acontecimento principal da eleição (Figura 18). Os capítulos 28 e 29 mostram Vila dos Confins retornando à sua pacata rotina ao mesmo tempo em que o deputado pesca e proseia com os companheiros analisando a campanha. No capítulo 30 o resultado das eleições é conhecido, suas primeiras conseqüências na vida dos Confins e encontramos o Paulo Santos antes de sua volta ao Rio de Janeiro. No último capítulo, 31, o leitor é convidado a deixar o sertão já sob as novas ordens impostas pela eleição, de carona com Xixi Piriá.



Figura 18. Ilustração do Livro "Vila dos Confins". Dia de eleição nos confins.
Autor: Percy Lau.
Fonte: PALMÉRIO, 1984.

Faltando uma semana para a votação, o delegado militar solicitado por Chico Belo ao Secretário dos Negócios do Interior estava em Vila dos Confins com uma tropa de vinte soldados, no quartel general do Partido Liberal instalado na Coletoria. Paulo voltou de sua viagem pelos povoados e fazendas, encontrando a cidade agitada em pleno domingo antes das eleições e foi logo intimidado por dois soldados a comparecer à delegacia. O deputado federal respondeu aos berros àquele desacato dizendo que não recebia ordens da polícia a quem ofendeu com estardalhaço chamando a atenção de toda a cidade.

Se a intenção da turma de Chico Belo era provocar distúrbio estava armada a situação que só se resolveria com troca de tiros. Os aliados de Paulo, aquartelados na venda de Jorge Turco,

preparavam-se para o pior, quando o padre Sommer agiu como moderador, acalmando os ânimos dos dois lados e evitando o conflito armado. Era um estado de coisas insustentável, o diretório da União Cívica protegido pelo padre sem poder deixar a venda, os eleitores sendo provocados, tendo de passar por buscas. Impossível realizar uma eleição com o mínimo de democracia naquele clima de intimidação. Paulo conta ao padre sua intenção de ir a Santa Rita e fazer escândalo para conseguir que forças federais intervenham na cidade.

Padre Sommer passa então um sermão no deputado dizendo-lhe que tudo aquilo ia terminar em sangue, sendo o confronto decorrente da vaidade de Chico Belo e a do deputado, que ambos estavam colocando sua determinação de destruir o outro acima de tudo.

> Quem foi reacender o ódio do Chico Belo, ameaçando-o com o Neca Lourenço? O Neca estava quieto na fazenda, cuidando da sua vida, e você mais o João Soares foram provocá-lo, estumá-lo contra o inimigo. Sabe o que aconteceu? Neca anda dizendo a todo mundo que vai entrar na Vila montado no Chico, riscando-lhe as virilhas à espora; que lhe vai botar bridão e barbicacho, barrigueira e rabicho! Você pôs fogo nos Confins, deputado, e agora quer apagá-lo acendendo mais fogaréu ainda... Tropa federal! Enquanto me for possível, evitarei violências e crimes! (PALMÉRIO, 1984:211).

Paulo reconheceu que o padre tinha razão, mas sabia também que não podia simplesmente abandonar os companheiros no momento mais importante, deixando que Chico Belo fizesse o que bem entendia. Não adiantava apresentar denúncias em Santa Rita, era preciso um plano ousado que não terminasse em derramamento de sangue. Assim ele foi com seu tio Aurélio à Santa Rita com a desculpa de buscar o juiz de direito, e, no caminho, forjaram ter sido vítimas de uma tocaia, cuja finalidade era matá-lo. Tudo foi planejado e executado nos mínimos detalhes: escolheram uma curva da estrada, derrubaram uma árvore de modo que sua copa atravessasse a estrada, fizeram o malhador do jagunço – o lugar onde ele ficaria escondido, fumando e comendo rapadura, esperando a hora certa de atirar – e disparam vários tiros na caminhonete.

Chegaram à cidade de madrugada e foram logo armando barulho para atrair o maior número de gente. Aí foi contar e recontar como tinha acontecido a tocaia e a sorte de escapar com vida e exigir providências urgentes para punir os culpados. Juiz, delegado, o agente do Correio e todas as autoridades se prontificaram a registrar a queixa, noticiando seus superiores e pedindo providências urgentes. Paulo insinuava, em suas declarações, a participação do jagunço de Chico Belo no acontecido, e relacionava o coronel ao clima de medo e de intimidação criado na Vila pelo delegado militar e sua tropa, o que incluía a participação do Secretário dos Negócios do Interior no mesmo esquema. Assim, a tocaia não dizia respeito

apenas a sua pessoa, mas visava comprometer a eleição. O deputado ficou hospedado na casa do Dr. Bernardino, onde as visitas não paravam: jornalistas, fotógrafos, investigadores tratavam de manter o acontecimento na ordem do dia, não só na imprensa do interior, mas das principais capitais do país. A repercussão mobilizou a Câmara Federal, o Senado e levou as declarações de membros do Partido Liberal condenando o atentado.

Vila dos Confins acabou se tornando manchete nacional. Das cidades vizinhas – Ipê-Guaçu, São Benevenuto, Veadão, Mutum, Amburana – foram correligionários prestigiar os amigos da União Cívica e expressar sua revolta contra o atentado. Até que na quinta-feira, depois da chegada da polícia da Aeronáutica, o juiz de direito de Santa Rita liberou a volta de Paulo à Vila, escoltado por dois automóveis que levavam altas autoridades da comarca e da capital do Estado. O delegado militar e sua tropa foram desarmados e tirados de circulação. O Governador e o Secretário abandonaram a defesa do Partido Liberal.

Na sexta-feira havia inúmeras providências a serem tomadas para a realização do pleito: contratar caminhões para transportar os eleitores, distribuir cabos para acompanhar as viagens, fornecer gasolina e óleo, nomear fiscais, tirar cópia, para cada cabo, da lista de eleitores, preencher credenciais para ingresso nas seções e impugnação de irregularidades. Tudo sob a supervisão direta de Paulo Santos, figura chave do acontecimento inédito na história de Vila dos Confins.

No domingo da eleição Paulo descobriu que Chico Belo não havia desistido da luta e que na tarde do sábado mandara um de seus homens percorrer os Confins comprando votos.

O quartel da União Cívica foi instalado na chácara do Tinoco, a pouco mais de um quilômetro da Vila. Ali fizeram um ranchão de folha de coqueiro e começaram o pagode no sábado à noite, para receber os eleitores que chegaram à véspera (Figura 19). A sanfona tocou a noite inteira, e continuava pela manhã de domingo. Paulo verificava com satisfação que, a pedido seu, o Dr. Bernardino convocou o rábula Pereirinha para fiscalizar a eleição, fechando o cerco contra as fraudes de última hora. Dentre as medidas de segurança tomadas por ele, estava a colocação de um homem de confiança em cada seção, a instrução para impedir o trabalho dos "fósforos" – que usavam disfarces para votar várias vezes com títulos eleitorais diferentes –, para checar as certidões de óbitos a fim de impedir a votação com títulos dos mortos. Restringiu-se também o número de seções para quatro, todos no povoado, duas na Intendência para o sexo masculino e duas na Coletoria para o voto feminino. A medida era mais uma forma de facilitar a fiscalização. No mais, proibiu-se a propaganda eleitoral quarenta e oito horas antes da votação, assim como o uso de bebidas, foguetes e armas de fogo.



Figura 19. Ilustração do Livro "Vila dos Confins". Festa para os eleitores da Vila dos Confins.
Autor: Percy Lau.
Fonte: PALMÉRIO, 1984.

O rábula só não podia impedir a venda de votos e a quebra do sigilo na votação, pela estratégia de preparar a "marmita" com um número repetido de cédula iguais, que, eram facialmente verificáveis durante a apuração. Para saber se um determinado eleitor havia votado em determinado vereador, preparava-se sua "marmita" com três cédulas iguais do mesmo vereador. Durante a apuração, o fiscal do partido registrava a ocorrência, tida como prova da fidelidade do eleitor, que recebia por isto dinheiro ou outra vantagem. Também não tinha como impedir que os partidos comprassem a ajuda do escrivão eleitoral para criarem eleitores-fantasmas, que tiravam títulos e votavam no lugar dos cidadãos que não se alistaram.

Os eleitores sabiam-se importantes naquela ocasião e exigiam tratamento especial. Mesmo os moradores da Vila queriam um carro para buscá-los em casa, levá-los ao local de votação e deixá-los de novo em casa. Contrariar esse desejo era considerado ofensa. A votação era coisa simples, que Paulo tornava ainda mais simples dando instruções detalhadas aos eleitores:

> Preste atenção: na fila, o senhor recebe uma senha numerada; espere a sua vez. Quando chamarem o número, o senhor se apresenta à Mesa e entrega o título. Um momento: conhece o Zezé Alfaiate? É nosso fiscal. Ele e o Seu Generoso, de Santa Rita, o mecânico das jardineiras, sabe quem é? Não se afobe, que eles estão lá para ajudar. O senhor assina o nome num papel que vão lhe dar – não precisa pressa, escreva sem acanhamento. Pegue no envelope amarelo que lhe entregarem, e entre com ele no quartinho de porta de pano. Lá dentro, o senhor tira as cédulas de dentro deste envelope aqui – deste que lhe estou dando agora – e as enfia no envelope amarelo. Entendeu? Volte, feche o envelope – no quartinho tem grude – e bote-o no caixote que vão lhe mostrar. Coisa simples, Seu João José. Não se esqueça de tirar as cédulas de dentro deste envelope, senão a gente perde o seu voto... (PALMÉRIO, 1984:242).

Bastava assinar o nome e trocar as cédulas de envelope. O dia todo na Vila foi de movimento dos caminhões levando eleitores que desciam nos quartéis vigidos pelos cabos eleitorais. Recebiam os envelopes e iam para as seções, ficavam nas filas e entravam nas seções sempre sob o olhar atento de algum cabo ou fiscal. O eleitor da roça atrapalhava-se todo com aquela série de formalidades e o aperto da roupa e do sapato novo e da falta de familiaridade com a caneta. Os fiscais de Mesa compreendiam e eram tolerantes com os rabiscos no lugar da assinatura. Mas, na aparente simplicidade da votação, há o eleitor que no segredo da cabine, leva o envelope que o patrão lhe deu e o outro em que estão seus votos. Não joga nada fora: precisa mostrar o envelope vazio para que o patrão veja que votou e precisa mostrar as cédulas não usadas para que o compadre tenha certeza de que foi fiel a sua recomendação. O narrador chama este "caipira" "de eleitor consciente" e diz não haver palavras para desqualificar sua atitude.

Com a chegada dos eleitores, chegavam também as confirmações da compra de votos. Paulo fazia e refazia as contas para chegar ao número de eleitores a arriscava o palpite que se votassem menos de mil pessoas eles ganhariam o pleito. Mas, as duas noites sem dormir, a confirmação da compra de votos, o trabalho intensivo durante todo o dia deixaram o deputado totalmente exausto. Até que lhe chega a notícia de que Maria da Penha estava votando na Coletoria, o que lhe dá ânimo para ir ao encontro da moça, depois do início de namoro no Boi Solto e dos acontecimentos que impediram que os dois se encontrassem e entendessem. Não havia amor, nem possibilidade de compromisso entre eles, os dois apenas sentiam-se atraídos um pelo outro. Mas parece fazer parte da sina do deputado não atender seus próprios desejos e interesses, sua passagem por Vila dos Confins tinha o objetivo bem definido de eleger o candidato da União Cívica à prefeitura. O prazer possível fora desta atividade eram as pescarias, as conversas com os sertanejos, o sossego de uma tarde amena ou de uma noite estrelada.

Termina a votação e o reboliço que agitou Vila dos Confins. As autoridades vão embora e Paulo pode finalmente recuperar suas horas de sono, no sossego da venda do Jorge Turco e desobrigado da série de compromissos que exigiam quase todo o seu tempo. O narrador avalia que o deputado havia cumprido com suas obrigações, e havia trabalhado de verdade fazendo de tudo ao seu alcance para a vitória de João Soares. Só a compra de votos estava além do seu controle, pois o único modo de combatê-la é comprando votos também.

Então as conversas e atividades relacionadas à eleição param a fim de que o leitor conheça o 'corgo'[2] dos Moreira, que desembocava no rio Urucanã, e em cuja margem nascera um pé-de-pato, árvore estranha à paisagem local, nobre para a barra dos Moreiras. Há uma longa descrição de paisagem sem o elemento humano, como se a agitação das eleições pedisse depois uma pausa de tantas demandas. Mas, reaparecem as pessoas: o deputado e o padre pescando e pensando. E a paisagem é vista e traduzida por Paulo, que enxerga nas águas limpas do córrego os peixes miúdos e os peixes assassinos: dourados, traíras e piranhas, dentre outros. E pensa além, de como viera a primeira vez aos Confins acompanhando o pescador Rufino que procurava o rio Pretinho. E como Rufino dera uma aula na cozinha do Jorge Turco sobre a difícil vida dos peixes, que já nascem se defendendo uns dos outros, inclusive do canibalismo dos pais. Paulo recordava a vida boa de antigamente, mas pensava ser impossível voltar a ela por causa do aumento das responsabilidades na política: o pessoal de Santa Rita já o havia escolhida para chefiar a oposição.

Padre e deputado comentam a tocaia fingida. O padre preocupado com a acusação que recaiu sobre Filipão, e com a possibilidade dele ser preso injustamente. Mas Paulo rebate que o jagunço não teve participação naquele crime, mas teve em muitos outros dos quais saiu impune. E que qualquer castigo que recaísse sobre ele ou Chico Belo seria mais do que justo, pela série de atrocidades que já fizeram. O padre não concorda com os meios empregados pelo deputado para atingir a vitória.

> - Não compete a você nem a mim julgar. O problema é outro: você mentiu, aproveitou-se da condição de deputado federal... Se a coisa é tão clara e inocente como você diz, por que é que você não confessa publicamente o que fez? Por que não declara ao juiz que a tocaia foi fingida, e que tudo não passou de um truque para trazer a força federal para a Vila e chamar a simpatia sobre você e os seus candidatos? (PALMÉRIO, 1984:265).

A discussão morre aí sem a conciliação dos pontos de vistas. Gerôncio traz a notícia da chegada ao porto do Nequinha Capador conduzindo uma manada de bois.

Á noite, Vila dos Confins fica sabendo que a apuração dos votos começa no dia seguinte ao meio-dia. Adianta-se o número de eleitores que participaram do pleito: oitocentos e setenta e nove. E ainda há rasgados elogios à tarefa de Pé-de-Meia ajudando a qualificar todo aquele povo. Na venda do Jorge Turco uma pequena roda recapitula a eleição, a conversa segue na casa do padre, regada a pinga, esquecendo a política e lembrando a pescaria no rio Pretinho, com a participação dos muitos pescadores da Vila. Durante aquela atividade não havia

[2] 'corgo' *sm* (de *córrego*, com síncope).

desavenças políticas, nem privilégios de cargo ou de dinheiro. Eram todos pescadores amigos de uma boa conversa e buscando diversão, alguma aventura e bons peixes. Não havia território então, mas um lugar vivido e compartilhado, tão marcante que deixava saudade muitos anos depois. Havia também as mais recentes técnicas e instrumentos usados por Rufino, vara com carretilha, linha de seda, isca de lata que lhe renderam onze dourados, a aclamação dos outros pescadores, quase todos bêbados ao fim da aventura, e uma página na história de Vila dos Confins.

No dia seguinte, Paulo, Aurélio e Xixi Piriá passaram a manhã no porto conversando e assistindo a travessia da boiada do Nequinha Capador. Paulo sente como o tempo passa devagar quando se levanta de madrugada, "com as galinhas", e lembra do hábito dos habitantes dos arraiais de andarem de madrugada pela cidade, esperando o comércio abrir e trocando novidades e fofocas. Tudo voltava ao sossego de antes:

> Passara o fogo do pleito: a Vila voltava à vidinha sossegada de povoado sertanejo: uma ou outra velha à janela, dois animais arreados, apenas dois, a cochilar debaixo da umbela crescida na esquina do Armazém Carrilho. Barulho mesmo, mais nenhum, que a gente podia ouvir a escandalosa gritaria da galinha pega em flagrante no ninho escondido da moita de piteira do fundo do quintal, da tia Isaura. (PALMÉRIO, 1984:281).

Mas, no sossego da Vila o coração de Paulo aguardava ansioso a ocasião de encontrar-se com Maria da Penha que estava hospedada ali mesmo na casa da tia Isaura. Combinaram o encontro para a noite em que sairia o resultado da eleição. Enquanto o pessoal da Vila esperava, ele ia fingir que estava pescando para encontrar-se com a moça.

A apuração das urnas começa trinta e duas páginas depois da votação. É descrita por meio das etapas seguidas até se chegar ao voto: a conferência das atas – com direito a protestos, impugnações e recursos – a abertura das urnas, autorizada pelo juiz, a contagem dos envelopes até que o escrivão Alexandrino cantava o voto, que era recebido com palmas, e a expectativa de que o primeiro voto era sempre do vencedor. E o narrador prolonga ao máximo o suspense, e não revela o primeiro votado, passando direto para a disputa voto a voto que ora favorecia um candidato ora outro. Tudo seguido de comentários e previsões interrompidas para mostrar Paulo vendo o rio correr, e pensando que todo o esforço e o dinheiro gastos na campanha talvez já estivesse premiado com a vitória ou castigado com a desprezível derrota.

Gerôncio preparava a travessia do último lote da boiada que Nequinha Capador estava conduzindo para a exposição a ser realizada em maio em Uberaba. Neste lote estava o bezerro descendente do famoso boi Lontra, que seria vendido por um bom preço na exposição, e

novilhas da mesma raça. Paulo comenta com o padre que assim que voltasse ao Rio de Janeiro ia conseguir verba para a ponte sobre o rio Urucanã, porque com a continuação das chuvas, o rio aumentava tanto de volume, que a balsa tinha de parar. Junto com os bois embarcaram o padre, Nequinha Capador, Aurélio, os peões da comitiva e Rosinha que chegou na última hora de vestido novo vermelho de chita estampada. Paulo considerou que a moça era bem bonita, faltando-lhe cuidar do cabelo e dos dentes que se estragavam.

Bem ao cair da tarde estouram os foguetes no céu da cidade. Era o resultado da eleição. Mas, no porto, o bezerro Lontra havia se assustado e jogado ao rio, arrastando Ritinha pelo vestido. O foguetório assustou outros bois que também se atiraram na água. E seguindo o corpo de Ritinha enredado com o do bezerro, Paulo viu horrorizado ali se ajuntar um enorme bando de piranhas vorazes.

Ainda sem o resultado da eleição, encontramos Xixi Piriá cruzando a caatinga ensolarada, renovada pela chuva. O mato florescia perfumando o sertão e atraindo várias espécies de pássaros, mas a alegria da paisagem não conseguia afastar a tristeza do mascate: sua sombra não o divertia, as brincadeiras dos pássaros não prendiam sua atenção. Aparentemente, somos conduzidos ao final do livro pelo mesmo sertanejo que nos guiou para entrarmos nos Sertão dos Confins, mas antes ele era feliz, e depois infeliz, sem que ainda se saiba a causa dessa infelicidade.

O mascate pára na venda do Fiico para descansar em meio às mesmas pessoas e à mesma prosa de sempre. O narrador enfatiza que a pequenez da personagem era digna de pena. A chegada do jagunço Filipão deixa todos apreensivos e calados, mas ao contrário de Xixi, ele é todo alegria e vai logo pagando uma rodada de pinga para festejar a vitória. Finalmente o resultado da eleição é revelado. Não nos quartéis da campanha, nem no fórum, nem na residência de Chico Belo, mas em uma venda no meio do sertão e por um jagunço. Todos de Vila de Confins já sabiam o resultado, o leitor é que se surpreende com o fato e seu narrador:

> Foguetório a noite toda, cerveja à vontade, pagode que emendou até à hora do almoço do outro dia. E ele, Filipão, escondido nas furnas, passando fome, levando vida de bicho, com a soldadesca soltada no seu rastro... Mas o patrão ganhara Por pouco – oito votos só de diferença – mas vencera! Que pena não estar na Vila na hora em que a notícia chegou, para estourar meia-dúzia de cabeças-de-negro no quintal do Antero e fazer peneira do telhado da venda do Jorge Turco a tiro de carabina! Mas ia sobrar tempo: por enquanto, ainda estava na Vila o delegado novo mandado pelo Governo... mas já-já Chico Belo despachava o homem de volta... (PALMÉRIO, 1984:293).

Chico Belo fora eleito prefeito de Vila dos Confins por oito votos de diferença, bem poucos considerando o dinheiro gasto nas eleições. Agora era hora das vinganças, das maldades que Paulo tanto temia que acontecessem se Chico Belo ganhasse. Filipão faz seus planos para depois da partida do delegado, e já começa a intimidar o povo do sertão. Exige que Xixi Piriá vire o copo de cachaça, mesmo quando ele diz que não pode beber. Todos haviam obedecido ao jagunço e bebido, nenhum tinha como reagir: eram trabalhadores armados apenas com a faquinha de picar fumo, enquanto Filipão mostrava o cano da arma por baixo do paletó desabotoado e era conhecido por sua pontaria certeira.

O insignificante Xixi Piriá ainda não havia bebido, mas não tinha como desobedecer. Enquanto hesitava, lembrou-se do deputado em sua última noite na Vila consolando Gerôncio e sua mulher Rosa, João Soares, Antero vítimas da tragédia que caiu sobre a cidade na mesma noite. Paulo estava de volta ao Rio de Janeiro amargando a derrota. A política só tinha deixado coisas ruins na Vila, avaliava Xixi Piriá. Ritinha comida pelas piranhas, o bezerro de raça o Nequinha Capador também devorado por elas, além de quatro novilhas perdidas, o padre Sommer todo ferido para salvar os companheiros que estavam na balsa.

Por meio do mascate revela-se a traição do Pé-de-Meia que se vendera a Chico Belo por vinte contos de reis, cortados com a tesoura: recebia a metade na hora do acordo, a outra metade depois de ganha a eleição. Para completar as notas, Pé-de-Meia havia trocado os envelopes substituindo as cédulas de João Soares e seus vereadores por cédulas de Chico Belo e seu pessoal. Xixi Piriá bebe finalmente a cachaça, mas recebe a outra ordem de junto com o pessoal da venda, dar vivas a Chico Belo. De novo todos obedecem. Filipão cheio da confiança provocada pelas muitas doses de pinga, assegura que sua farra vai continuar na fazenda do Boi Solto ao lado de Maria da Penha, que revela ser o amor secreto de Xixi Piriá.



Figura 20. Ilustração do Livro "Vila dos Confins". A sombra cobre o sertão.
Autor: Percy Lau.
Fonte: PALMÉRIO, 1984.

Xixi Piriá, completamente transtornado pela bebida, sentiu uma explosão em sua cabeça quando ouviu a ofensa dirigida contra Maria da Penha. Sua ação foi rápida e eficaz, jogou o copo de aguardente na testa do jagunço, como se um capeta tivesse entrado em seu corpo, e enlaçou sua cintura com as pernas, impedindo que ele sacasse a arma. Filipão, mal teve tempo de xingar o outro, pois já começava a sentir a dor das inúmeras facadas:

> E a ferroada de fogo não se firmava em lugar nenhum, furando e saindo, emergindo e mergulhando... Filipão via-se de bruços debaixo da desembestada agulha de máquina a costurar-lhe o corpo inteiro. Cinco, dez, cem vezes o bracinho franzino de Xixi Piriá ergueu e abaixou a chave e meia de lâmina de puro aço, que se enterrava até ao cabo – pica-pau dos infernos a esfuracar o tronco macio da carne ruim do jagunço Filipão. (PALMÉRIO, 1984:297).

A cena é extremamente violenta, ainda mais quando o autor da violência é o mensageiro bom do sertão, a figurinha amada por todos, que não poupava esforços para servir e ajudar. Agora tinha de encarar os rostos espantados do pessoal da venda. E tinha de decidir o que fazer com a mala, sua companheira de tantos anos, seu ganha-pão, fonte de sua riqueza, embrulhada em mil pacotinhos que cheiravam a sabonete. O mascate é possivelmente a vítima mais atingida pela política, que inverte de forma radical seu relacionamento com o sertão: antes espaço aberto a suas eternas andanças, agora espaço fechado de esconderijo e fuga de contra a certeira perseguição de Chico Belo e da polícia (Figura 20).

Xixi Piriá deixa a venda sem a mala, com as botinas chiando por causa do sangue do jagunço. Mas o narrador não condena seu ato, pelo contrário mostra na última cena do livro a sombra

enorme de um caboclão que se espichou pelo sertão e se perdeu na noite fechada dos confins da caatinga. (Figura 21).



Figura 21. Luz e trevas no sertão
Fonte: Globoonliners (2007).

Mas é a luz da noite que projeta sua sombra. Sua jornada é confirmada como a de um anti-herói, porque para crescer no sertão ele se tornou um criminoso. Enquanto ligava as pessoas das fazendas e povoados, Xixi Piriá caminhava à luz do sol, mas era um “pouca sombra”, uma figura insignificante. Sua estatura só aumenta quando ele confronta a lei da violência que imperava no sertão, mas, por isto, ele se torna vítima da mesma violência, porque perde sua identidade: a mala de mascate fica abandonada na venda do Fiico, e Xixi Piriá entra no espaço restrito do foragido.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação das relações entre Geografia e Literatura no romance *Vila dos Confins*, de Mário Palmério, atingiu satisfatoriamente os objetivos propostos.

O romance abre a possibilidade de uma comparação com *Os Sertões* de Euclides da Cunha, romance tão importante do regionalismo de 1930, que chamou a atenção da sociedade brasileira para o sertão nordestino. Construído, em linhas gerais, em torno do abandono, da miséria do sertanejo e de sua busca desesperada de alguma forma de vida na terra e da esperança de uma vida melhor depois de uma morte corajosa em defesa do Monte Santo. O lugar é aos poucos transformado em uma forma de paraíso terrestre, apesar da dura disciplina mantida por Antônio Conselheiro, mas desafia as autoridades a partir do território mantido pelas próprias leis e sem sujeição estatal. Transforma-se assim, em campo de batalha, ou em uma "charqueada", onde se torturam e matam jagunços e soldados, ambos excluídos e abandonados, mas usados como instrumentos na manutenção do poder das elites.

Em Guimarães Rosa, no seu *Grande Sertão: Veredas*, o sertão é também espaço de confronto entre o bem e o mal, entre bandos de jagunços rivais, todos sertanejos – Riobaldo ou Hermógenes – buscando afirmar seu poder pela destruição do outro. "Sertão. O senhor sabe: Sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado. E bala é um pedacinhozinho de metal..." (ROSA, 2001:35).

Não há muita diferença em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, em que Fabiano é tocado de fazenda em fazenda pela seca, mas também pela opressão do soldado e do fazendeiro que o enche de dívidas, ou pelo dono da venda que adultera os produtos para ter lucro em cima de quem não tem nada. Todos são sertanejos, dividindo o mesmo espaço, mas em oposição uns aos outros, buscando cada qual assegurar a própria sobrevivência às custas do outro.

Em última análise, o que se investigou foi o modo como o homem ocupa o espaço e as conseqüências desta ocupação. A obra literária permitiu contextualizar a investigação ao construir uma área de sertão e abordá-la sob pontos de vistas contrastantes. Desde a paisagem, o Sertão dos Confins é marcado pela diferença das poucas terras férteis ocupadas por fazendeiros e muita terra improdutiva onde se distribuiu a maioria da população. Nas poucas fazendas, concentram-se a riqueza e o poder garantido pelos jagunços e pelas alianças políticas com os governantes. Na grande extensão da caatinga se encontram múltiplas

histórias de vida, influenciadas de uma forma ou de outra pela acumulação do capital e em luta para a obtenção de meios de vencer o abandono e o atraso.

A criação de um partido de oposição na região dos Confins coloca em evidência os conflitos causados por um lado pela acumulação e, por outro, pelas várias situações de falta. O poder, a riqueza e o prestígio político se concentravam na figura do fazendeiro Chico Belo e de seus aliados. Quem não estava com ele estava subjugado ao seu mando, que se espalhava pelos órgãos administrativos da cidade, pelos municípios vizinhos, e se consolidava na capital do estado. A forma de se opor a este poder hegemônico era a violência e a conseqüente exclusão da sociedade local, como é o caso de Betico, que resistiu à invasão de sua pequena propriedade, matando jagunços de Chico Belo, e se viu desterrado de seu lugar de moradia e trabalho, por causa da perseguição dos jagunços e da polícia.

Outra forma de resistência está na firme determinação do ajudante de tropeiro Neca Lourenço de conseguir seu lugar no território dos Belo, aprendendo os jogos de poder com os fazendeiros, trabalhando duro e cativando as boas graças dos patrões. Para garantir a posse da fazenda Bacurizal, no entanto, ele tem que ameaçar Pedrinho Belo encostando-lhe uma garrucha no umbigo e exigindo que ele honre a palavra dada. A difícil conquista da terra tem sua contrapartida na forma extremamente cuidadosa com que o sertanejo cuida dela, transformando-a em um lugar em que a criação de gado visa ao melhoramento da raça e ao lucro, ao mesmo tempo em que cuida da preservação de todas as riquezas naturais, porque sabe que a terra bem cuidada retribui com a garantia de recursos para várias gerações. Neca Lourenço serve como exemplo para qualquer teoria sobre desenvolvimento sustentável.

Em contraste com este sertanejo trabalhador e consciente, conhecemos o caboclo, exemplo do trato com a terra na base da preguiça e pela lei do menor esforço. O caboclo, como mostrado no livro, não cria ligações com o local onde vive. Qualquer lugar é bom enquanto ele consegue sua sobrevivência sem esforço, sem a menor consideração com o meio e com as outras pessoas. Quando os recursos do meio, ou a boa vontade das pessoas se esgota ele arruma sua tralha e parte. O narrador o compara ao cão gazeta que segue os tropeiros pelo tempo que recebe restos de comida, abandonando-os na primeira oportunidade sem qualquer sentimento de lealdade ou gratidão. Nos extremos, a figura do caboclo se aproxima da figura do fazendeiro que herda a terra e a explora como instrumento de poder e lucro. Neste caso herdeiros e deserdados pela sorte mantêm com a terra e com as outras pessoas relações predatórias, que criam paisagens desoladas, marcadas pela agressividade, a destruição e a morte.

Não se esgota aí a pluralidade de formas de se relacionar com o meio e com as outras pessoas. Paulo Santos é o político que ama o sertão e sua gente e quer eleger o candidato João Soares e vereadores de sua legenda para fazer do sertão um lugar melhor para viver. Ele luta contra a enorme vantagem dos opositores ricos e poderosos, e consegue a simpatia e a colaboração de vários moradores influentes do sertão, ao mesmo tempo em que vai revelando lugares de boa prosa, de miséria, de boa pesca. Xixi Piriá, o mascate que cruza a caatinga levando encomendas, bilhetes e notícias que ligam as pessoas, é outro exemplo de como a relação afetuosa com o meio e seus habitantes, cria lugares de solidariedade e cooperação. O padre Sommer também percorre o sertão, traçando lugares através da natureza menos transformada pelo homem, onde mede sua força com onças, e coleciona histórias que lhe rendem mais ouvintes que os sermões. O padre se relaciona com um espaço sem fronteiras, e sem donos, aberto a outros exploradores como ele.

Para a compreensão dessas formas de habitar o espaço, aplicamos as noções de espaço, lugar e território desenvolvidas por Tuan. Por outro lado, o romance dá vida aos conceitos de Tuan, desdobrando-os em histórias que registram em detalhes a maneira como as pessoas percebem o espaço, e como os sentimentos podem recortá-lo em lugares ou em territórios.

A análise do romance *Vila dos Confins* permite também aplicar as considerações de Milton Santos sobre como o capitalismo perpetua as desigualdades e os conflitos no espaço do homem:

> Pobreza e riqueza são realidades antagônicas, embora complementares, pois uma não pode existir sem a outra. O problema de eliminar a pobreza, isto é, de suprimir as diferenças de renda criadas por um processo produtivo gerador de desigualdades, supõe uma mudança no próprio processo produtivo, o que vale dizer, das relações do homem com a natureza, e dos homens entre si. (SANTOS, 2004:68)

Milton Santos entende que a mudança das relações de produção começa com a valorização do mercado interior como prioritário, com a produção voltada para a necessidade da maioria da população, que teria acesso a mais bens de capital. Para chegar a uma sociedade mais igualitária é indispensável reformular a organização do espaço. Em primeiro lugar, dando a todos os homens o direito a um emprego que lhes permita dispor dos bens e serviços essenciais. Em segundo lugar, eliminando as diferenças de renda entre a cidade e o campo, promovendo as técnicas locais, e fortalecendo as cidades médias e pequenas que consumiriam os excedentes rurais, mantendo o homem na sua região. O campo faria negócios com sua cidade, fornecendo-lhe alimentos, matérias-primas, mão-de-obra, a custos e preços mais

baratos. Esta economia voltada para dentro, para o mercado interno, libertaria aos poucos o país da dependência internacional e daria ao homem um papel de cidadão digno e politicamente participante. (SANTOS, 2004).

No contexto de profundas desigualdades criado nos romances de Mário Palmério, em que os homens se situam em oposição uns aos outros não há como falar em construção de identidade nacional, não há base comum que conjugue os homens acima de seus interesses pessoais para a construção de um projeto coletivo, como o proposto por Milton Santos, que promova melhorias sociais, que, por sua vez, levem os homens a sentir orgulho do espaço que dividem e das relações que estabelecem com a coletividade.

Esta impossibilidade de vislumbrar transformações positivas no cenário de disputa pelo poder, fica bem clara na forma como Mário Palmério termina seus dois romances. Em *Vila dos Confins*: a sombra de Xixi Piriá se esvaece "na noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga sem fim." (PALMÉRIO, 1984:298). Em *Chapadão do Bugre*: "De súbito, sumiu-se a barra da manhã, e uma noite sem lua e sem estrelas, terrivelmente negra – acabou por tudo apagar e emudecer." (PALMÉRIO, 1976:383).

Chapadão do Bugre situa a luta pelo poder em outra esfera. No romance, os coronéis tornam-se vítimas das violências coordenadas e amparadas pela lei e expandindo o poder impessoal e distante dos políticos que autorizavam as ações de captura e extermínio tanto dos coronéis quanto de seus jagunços. Era mais fácil governar espalhando o temor por suas próprias instituições que concorrer com o poder descentralizado dos coronéis. A institucionalização do poder com a eliminação dos coronéis não melhorou a vida do sertanejo, forçando muitos deles a abandonar o campo, para compor a massa de favelados e de excluídos na cidade, Mas isto já é um caso de polícia, que o cinema insiste em reproduzir como imagem do Brasil em filmes como *Carandiru, Cidade de Deus* e *Tropa de Elite.*

Seguir os narradores de *Vila dos Confins* e de *Chapadão do Bugre* no desenvolvimento de suas visões do sertão é como estudar o espaço geográfico e seus recortes viajando com os personagens e sendo apresentados por suas emoções e pensamentos aos espaços que ocupam, aos outros personagens, amigos ou oponentes, aos seus sonhos, hábitos e atividades.

A literatura promove esta viagem por dentro dos textos, que a torna tão interessante quanto explorar, com um bom guia, o espaço real das cidades e interiores brasileiros. Ambas as formas dão vida à aridez dos conceitos e enchem o espaço de questionamentos e reflexões

sobre temas muito atuais e muito próximos como a violência, o poder, o subdesenvolvimento e a construção da identidade nacional.



Nota: as ilustrações utilizadas no final de cada sub-item e capítulo, bem como na apresentação dos capítulos, foram retiradas da obra “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa.

REFERÊNCIAS

ALAMERT, Francisco. Literatura e Política no Visconde de Taunay. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão de (org.). **De Sertões, Desertos e Espaços Incivilizados**. Rio de Janeiro: FAPERJ: MAUAD, 2001. p.219-228.

ALMEIDA, Ângela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão de (org.). **De Sertões, Desertos e Espaços Incivilizados**. Rio de Janeiro: FAPERJ: MAUAD, 2001. 302p.

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. In: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol.8, n.15, 1995, p.145-151.

ATLAS DAS REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DE REGIÕES BRASILEIRAS. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/atlas.shtm>. Acesso em: Out. 2007.

ATLAS GEOGRÁFICO ESCOLAR MULTIMÍDIA. **Regionalismo Literário.** Rio de Janeiro: IBGE, 2004. 1 CD-ROM.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Literatura e Memória: o sertão de Ulysses Lins de Albuquerque. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão de (org.). **De Sertões, Desertos e Espaços Incivilizados**. Rio de Janeiro: FAPERJ: MAUAD, 2001. p.101-110.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 5 ed. São Paulo: Cultrix, 1989. 90p.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1997. 405p.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A Geografia Lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991. 88p.

CASTRO, Iná Elias de. Visibilidade da região e do regionalismo. A escala brasileira em questão. In: LAVINAS, L. (Org). **Integração, Região e Regionalismo.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. p155-170.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL Zeny. A Geografia Cultural no Brasil. **Revista da ANPEGE**, Curitiba, ano 2 , n.2. p. 97-102, 2003.

_____ (org.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 226p.

DIMAS, Antonio. **Espaço e Romance**. São Paulo: Ática, 1985. 77p.

FONTES, Joaquim Rubens. **Pelos caminhos e vilas do chapadão:** Leitura e análise dos romances de Mário Palmério. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2000, 126p. Dissertação (Mestrado) - Literatura Brasileira, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

FRANÇA, Iara Soares de; SOARES, Beatriz Ribeiro. O sertão norte-mineiro e suas transformações recentes. In: **Encontro de Grupos de Pesquisa:** Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações Socioespaciais**,** 2., 2006, Uberlândia (MG). Uberlândia (MG), 2006.

GENETTE, Gerard. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Veja Universidade, s/d.

GROSSMANN, Judith *et al*. **O espaço geográfico no romance brasileiro.** Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. Niterói: EdUFF; São Paulo: CONTEXTO, 2002. 188p.

_____. Região, Diversidade Territorial e Globalização. **Revista GEOgraphia**, Rio de Janeiro, ano 1, n.1, p.15-39, 1999.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. Fronteiras entre ciência e saberes locais: arquiteturas do pensamento utópico. In: **Colóquio Internacional de Geocrítica**, 9., 2007, Porto Alegre (RS). Porto Alegre (RS), 2007. Disponível em: < http://www.ub.es/geocrit/9porto/cahissa.htm>. Acesso em Out. 2007.

HOISEL, Evelina. Sobre Cartografia Literárias e Culturais. In: BITTENCOURT, Gilda Neves; MASINA, Léa dos S.; SCHMIDT, Rita T. **Geografias literárias e culturais:** espaços/temporalidades. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p.149-156.

IGLESIAS, José Roberto. O Espaço e suas Imediações. In: BITTENCOURT, Gilda Neves; MASINA, Léa dos S.; SCHMIDT, Rita T. **Geografias literárias e culturais:** espaços/temporalidades. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 129-137.

LEITE, Lígia C. Moraes. **Regionalismo e Modernismo**. São Paulo: Ática, 1978. 294p.

LEONÍDIO, Adalmir. O Sertão e "outros lugares": a idéia de nação em Paulo Prado e Manoel Bomfim. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão de (org.). **De Sertões, Desertos e Espaços Incivilizados**. Rio de Janeiro: FAPERJ: MAUAD, 2001. p.21-34.

LIMA, Eli Napoleão de. Euclides da Cunha e o Estado Novo. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão de (org.). **De Sertões, Desertos e Espaços Incivilizados.** Rio de Janeiro: FAPERJ: MAUAD, 2001. p.77- 100.

LOPES, Edward. **Metamorfoses***:* a poesia de Cláudio Manoel da Costa. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. 209p.

MARQUES, Reinaldo. Locações Tardias do Moderno: A Correspondência entre Abgar Renault e Carlos Drummond. In: BITTENCOURT, Gilda Neves; MASINA, Léa dos S.; SCHMIDT, Rita T. **Geografias literárias e culturais:** espaços/temporalidades. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 35-48.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. O Espaço Iluminado no Tempo Volteador. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.6, p.17-34, 1998.

_____. **O mapa e a trama**. Florianópolis: EdUFSC, 2002. 242p.

MORETTI, Franco. **Atlas do Romance Europeu** - *1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003. 215p.

PALMÉRIO, Mário. **Chapadão do Bugre**. 8.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. 383p.

_____. **Vila dos Confins**. 22.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984. 298p.

PAZ, Octavio. Traducción: literatura y literalidad. In: PAZ, Octavio. **Traducción:** literatura y literalidad**.** 3.ed. Barcelona: Tusquets Editores, 1990. p.9-27.

PROENÇA, M. Cavalcante. **Estudos literários**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. 530p.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão:** veredas. 19.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 624p.

RUSSO, Renato. Tempo Perdido. Intérprete: Renato Russo. In: **Dois.** [S.l.]: Emi-Odeon Brasil, p1986. 2 CDs. Faixa 6, Disco 1.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5.ed. São Paulo: Edusp, 2004. 96p.

_____. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2002. 392p.

SILVA, Janaína Alencar Mota. **Geografia, Literatura e o estudo da cidade.** Disponível em: < http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo1/e1%20282.htm>. Acesso em: Jan. 2007.

SODRÉ, Werneck Nelson. **História da literatura brasileira**. 7.ed. São Paulo: DIFEL, 1982. 595p.

SPALDING, Marcelo. A Geografia encontra a Literatura. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre (RS), Jan./Fev. 2007.

SUZUKI, Júlio César. Uma Leitura da Cidade na Obra Poética de Paulo Leminski. **Revista da ANPEGE**, Curitiba, ano 2, n.2, p.115-142, 2003.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço Geográfico Uno e Múltiplo. **Revista Electrónica de Geografia y Ciencias Sociales.** n.93, julio/2001. Disponível em: < http://www.ub.es/geocrit/sn-93.htm>. Acesso em Set. 2007.

WANDERLEY, Vernaide; MENEZES, Eugênia. **Viagem ao sertão brasileiro**. Pernambuco: CEPE/FUNDARPE, 1997.

TERRANA, Carlos. **Fotografia e Meio Ambiente.** Disponível: <www.terrana.com.br>. Acesso em Dez. 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Geografia Humanística**. Transcrito dos Annals of the Association of American Geographers, 66: (2), junho 1976. Título do original: Humanistic Geography. Tradução de Maria Helena Queiróz. Disponível em <http://ivairr.sites.uol.com.br/tuan.htm> Acesso em: Set. 2007.

